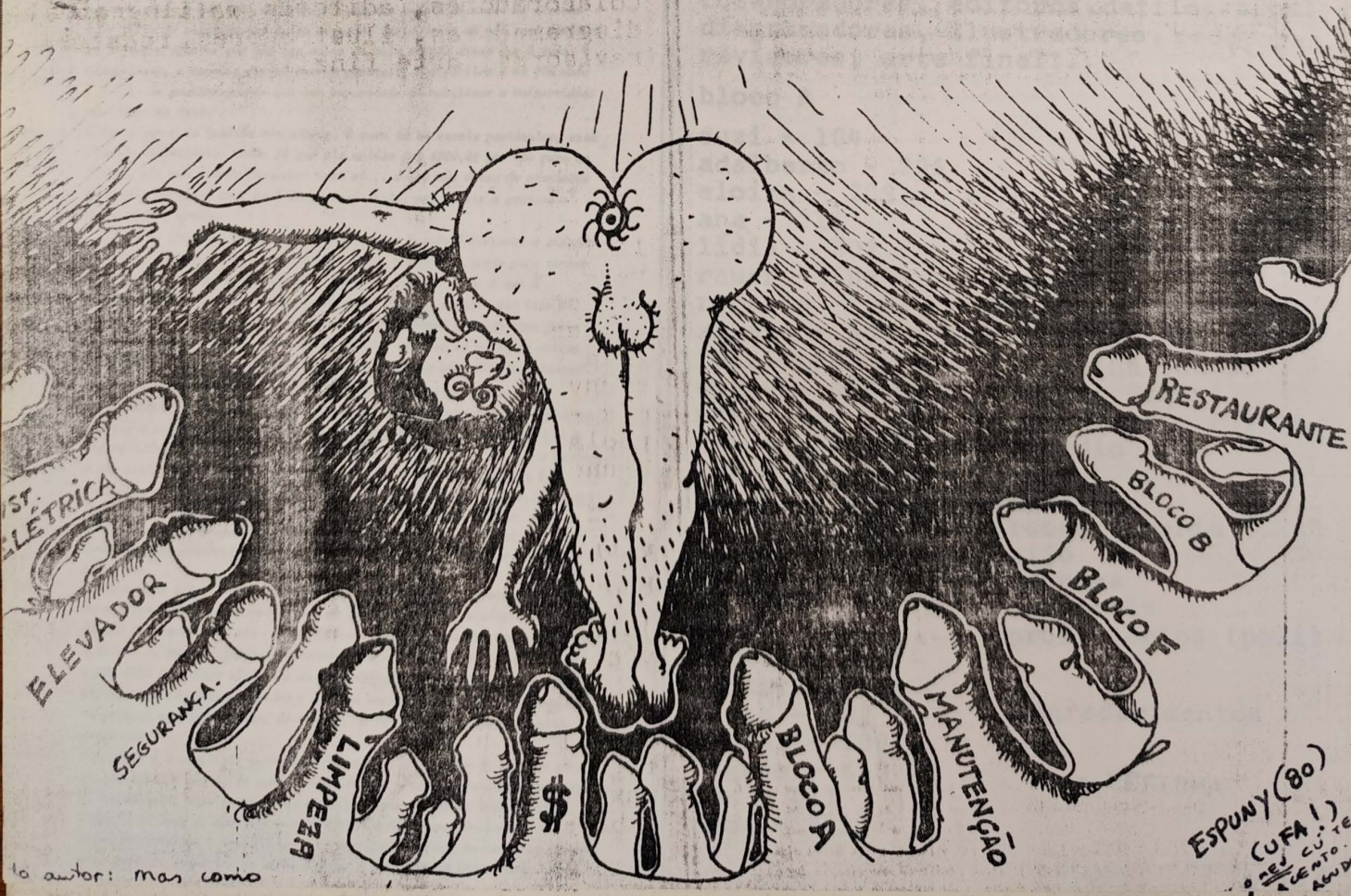


GARENTE

É O CRÚSP!

1º aniversário de
CRUSP!



o autor: mas como

ESPUNY (80)
(CUFA!)
900 CÚT
100 CÚT
100 CÚT

"Acho que a maioria das escolas são prisões. A cabeça da criança é aberta e estreitá-la para que ela vá competir na sala de aula é uma piada. Mandeí Sean ao jardim da infância, mas quando percebi que o estava fazendo para me livrar dele, deixei que voltasse."

— John Lennon

Roberto - A princípio a gente tinha colocado essa discussão como forma de se fazer o editorial deste Jornal. E a discussão toda que houve em certos pontos se contradiisse. Chegou-se a confissões ao invés de debate, mas talvez desses flashes de depoimentos se tenha uma amostra do que o pessoal no CRUSP está pensando na noite de 02.10.80. Tudo aqui é reflexo da formação das pessoas e de sua estada no mundo.

Júlio - Se a gente ver a grossa da União, a gente vai entender porque os militares estão falando tanto em descentralizar. Eles estão sem grana! Tem também a ideologia da segurança nacional contida a favor do Rubião, que não deu certo, mas eles são articulando outra pra ficar o MR-S, a Convergência e a D.S.T.

Taba - Eu penso que o Estado tem condições de sustentar um bom ensino, porém a política do Estado é priorizar os setores bélicos. Tem uma ideologia por trás disso. E a educação no Brasil, é um produto vendido como outro qualquer. E tem isso que sempre é colocado hoje de que estudante é pra estudar. O atual ACE-USP fez sua ligação com os estudantes através das instituições de deliberação sem representatividade não a diretoria e o CCA! E as assembleias, que tiveram uma força incrível, mas que se perdeu em torno da bipolarização: grupos ou não grupos. Enquanto as questões que deviam ter sido levadas comete numa forma.

Taba - Eu tenho um amigo anarquista que diz o seguinte: "Quem quer faz, quem não quer vota!". O M.E. parece ter uma prática não democrática. Ainda prevalece aquela linha negra de vanguarda, de massa avançada. De repente os antigos líderes deixaram a Universidade e a massa ficou mais atrasada ainda. Então foram aparecendo entidades que são entidades fantasma! Eu mudada que se acirram e se esclarecem as divergências entre as tendências. Isso cria um apego maior às suas visões políticas, o que deu um ganho de poder muito grande. Uma vez, eu tava na aula e se colocou que tava tendo uma assembleia. A gente discutiu se tá ou não: decidiu-se que não valia a pena ir levantar a mão.

Júlio - De 75 a 77 o M.E. se preparou por 3 anos; a agida de ruas foi uma coisa que começou a ser preparada em 75 na prévia da FCA. Isso foi possibilitado que os grupos desenvolvem um trabalho de base e se organizassem no movimento. Então o que se vê é que isso hoje não acontece. As antigas lideranças saíram e deixaram um pessoal despreparado que vende jornal sem nem saber o que está escrito. O problema todo é de crises de direção e de falta de enraizamento dessa direção. Basicamente dá pra você dividir em 3 grupos: aqueles que vão nas aulas de aula só pra dizer que é tudo porra-louca, e aqueles que só querem passeata, ato público e no fim nada é feito. Os grandes grupos que tem capacidade de mobilizar a Universidade não discutem isso.

Roberto - É um o lance da questão mercadorista. O cara tá na escola particular, está pagando diretamente. Então já que ele aplica Cr\$ 8000,00 por mês para se formar, ele vai querer recuperar isso aí... o que não deixa de acontecer na escola pública! Aqui se é de esquerda hoje, aí, veste a gravata e vai explorar também.

Taba - A função de qualquer Universidade em qualquer Estado é preparar o cidadão em termos do saber para entrar dentro desse sistema. A gente pode tentar ver a ideologia da competição que existe na sala de aula. E que é transmitida pelo professor. Quem fala mais bonito, o poder que isso dá! O poder dos políticos profissionais... A gente tinha pensado numa forma de subverter essa ordem. Era subverter deve começar em pequenas coisas. Como por ex. a lista de atividades: abolir os assentos tipo "Café da Manhã". A gente tem que subverter essa política tradicional, corporativa, colonizadora, dita revolucionária. A gente tem que promover novas modalidades... Eu acho a solução é a PT. Qualquer cidadão que fala contra a ditadura e não se coloca na perspectiva do PT tá em cima da muro com discursos radicais e não está fazendo nada. Pra Universidade eu acho que a proposta é a autonomia universitária que é a única forma de colocar a Universidade na função que ela deveria ter é a de ser palco artístico de debate. Aqui no CRUSP é nos organizando internamente, sem esperar as promessas. E intervindo no movimento para que ele melhore, priorizando a atividade cultural.

Luís - É importante saber o significado das crises, o peso da ideologia do poder na Universidade e as consequências de tudo isso para o ensino. O Congresso da USP foi realizado: uma cantada vitória, outros falas das conquistas para o debate... Mas a significação construtiva é que não chegou. Então todo mundo sabe o caráter elitista da Universidade. Todo mundo sabe que ela reforça uma ideologia de poder e que ela funciona dentro da consolidação e da prática acadêmica a tudo de classes. E em cima disso que eu entendo conjuntura.

Sérgio - O negócio é o seguinte: qualquer análise se faz a partir do momento em que se considera a dialética como a dinâmica que leva a qualquer processo social. E, atualmente, para analisar qualquer processo social eu vejo a coisa através da luta de classes. Enquanto membro da pequena-burguesia, meu ator transitório - estudantil -, o meu papel é ganhar parte dessa classe para a causa operária. Eu minha opinião é a partir da emancipação dos trabalhadores mas a sociedade tem condições de sustentar um ensino

societário mais justa em todos os níveis.

Rauer - Eu acho que o pessoal aqui tentou fazer duas coisas: levantar aquilo que é o problema pra se mudar a estrutura, e o que fazer pra mudar essa estrutura pra uma melhor. Ninguém tocou no que eu acho que é o ponto essencial: como se dá a dominação? Eu acho que a dominação na sociedade é feita principalmente através da moral, e para mudar a sociedade a gente tem que partir daí, subvertendo a moral juntamente com todos os outros aspectos intrínsecos do homem, e da opressão social que o cerca. Inverter e colocar tudo de ponta cabeça de maneira anárquica. Eu quero dizer mais precisamente o seguinte: o que a gente tem que fazer é acabar com certos laços familiares. A propriedade privada se sustenta na família. Então tem que acabar com tudo, tem que acabar com a família. Tem que acabar com a dominação de uma pessoa sobre a outra. Mesmo sendo TINA EU! Quero também acabar o dia da trepação universal!

Bichão - Que o Brasil é 39 mundo, falta verba. Todo mundo já sabe. Eu acho que na Universidade a gente deve propor mudança, porque nada se pode desenvolver um trabalho diferente. Tá um saco falar de política! Eu queria que parassemos de olhar isso aqui da universidade. Universidade é pesquisa. Seguindo a linha da proposta do Hírjo Schenberg, a Universidade seria um grande centro de debates. Debate sobre o que a gente quer, sobre o que o Brasil quer... A universidade não é mais, só existe o espaço físico: ela já foi fechada e é a partir disso que não temo que pensar.

Jornal do Crusp - nº 4
Comissão de Imprensa
Colaboradores, editores, datilógrafos,
diagramadores, ilustradores, redatores,
revisores, arte final...

bloco A

suzi - 104
adalberto - 206
eloiza - 209
ana - 211
lídia - 502
rauer - 503
roberto - 503
xaveco - 504
luís - 507
spuny - 508
max - 511
paola - 601
bruno s. - 604
sêrgio - 605
rita - 607
sêrgio - 607

bloco F

júlio - 408
victor - 410
alberto - 601
bicho - 602
daniel - 608
tigrão - 610
max - 611
taba - 611

john lennon
pellegrini
m. cardoso
thereza
rosemar
juvenal neto
carolina (cusp)
enilda (cusp)
paco (ceu - rj)
cláudio
tadeu
haddini
roberta maria
giço
spinoza
delacroix
prof. carlos (poli)

Agradecimentos

ao CEFISMA

X

Chegar apressado como quem parece ávido. Na bolsa, alguns livros e o jornal do dia, comprado depois de muito tempo sem ler as notícias nos diários. A cabeça atordoadada por recentes imprevistos, apreensivo, ansioso, afoito, a caminho de casa; alojamento estudantil. Mas ao mesmo tempo, absorvido por pensamentos que nada têm a ver com o que de imediato acontece:

a razão me parece uma guardiã, armada até os dentes, prostrada a porta de nossa cela, fria, vazia: limites da vida. contraponho-lhe a teimosia, rebelde por natureza que provoca, irrita, essa infalível zeladora do bem de todos. As superficialidades de vidas mesquinhas, rotineiras, quantas mesmices mantidas à força no calabouço de nossas cabeças, mentindo a si mesmo; a vida é bela. E para isso cria-se sonhos, transforma a existência em caminhos à objetivos que não a própria vida, que por si bastaria, e não haveria o por que de idealizá-la, prendendo-a na razão. Os momentos passam sem que possamos percebê-los na sua plenitude, por estarmos demais envolvidos na ansia do que virá. E o devir nos foge. Talvez venha a ser apenas um novo sonho que virá. E, enquanto se sonha, a razão que não é vida senão um instrumento a seu dispor, mantém-se em sucessivos golpes de estado mental.

Sobre a prancheta do quarto, papéis espalhados. Dentre eles, um prende-me a atenção, talvez por ter sido escrito a poucos dias:

sentimentos filtrados, permeando o aconchego de corpos
que se unem no desfrutar do lúdico, intenso
sem as complexidades morais que a tantos

atormentam,

fragmentos de prazer que se cruzam no caminho das
vontades decomedidas, sensuais, libertas na eternidade
minutos que se entregam.

amores perdidos no emaranhado de fios eletrônicos;

restos duma implosão.

mas não, desperta o pique de repassar os demais manuscritos, que ora se misturam com cartas programas de centros acadêmicos, que começam quase sempre assim:

"A crise da ditadura militar é cada vez mais profunda..." e terminam com o não menos tradicional "Abaixo a Ditadura".
Sinto meio cansado com retóricas políticas, que já não tem ressonância. Torna-se a repetição de chavões e frases de efeitos. Passo adiante. Seguro um papel que me serviu de rascunho para uma carta, e começo a lê-la:

S...

entre uma ordem e outra/
teu aniversário.

escrevo.

imagens mágicas.
sobre fetiches
sobre imagens
sobre mágicas,
gente.

sem posições marcadas
sem paixões manchadas
sem cheiro de sabonete de hotel
sem neuras brumas asfixiantes,
apenas sentidos.

Bom saber que existes...

mesmo

lembro-me de tê-la escrito quando trabalhava num escritório de uma metalúrgica. Emprego arranjado por uma irmã que cuidava da contabilidade da firma. Foi escrita numa folhinha azul, usada geralmente para deixar recados, lembretes. Na parte de baixo da folha; um desenho de um abraço, onde não se distingue as formas nitidamente, apenas vultos envolvidos num terno encontro de corpos. Volto-me a frase contida na carta; "Bom saber que existes ...", e percebo-a incompleta. Talvez por alguma discreção, reprimi o final, e que agora o tenho só pra mim, arrependido de não tê-la enviado. E completo num



sussurro: e que ainda te amo.

Penso no receptor, um jovem músico que passou a viver da medicina. E que pra mim, com o passar o tempo, tornou-se uma alegoria de algo que não teve espaço para florescer, mas que, no entanto, parece ter durado anos a fio. Marcou-nos muitíssimo. Éramos medrosos. Um dia, quem sabe, nos reencontraremos, e na certa, recordaremos, faremos alguma confissão contida; um balanço nostálgico. Inconstância das relações amorosas, envolve-nos como por encanto, e num fiat desfaz-se em lembranças. Tudo passa. Continuo mexendo entre os papéis, e retiro algo que diz justamente sobre isto:

o caráter efêmero das coisas, por vezes, agita a cabeça. Mesmo assim, a eternidade é indesejável.

numa noite qualquer
alguém que não sei quem,
apareceu.

não trouxe luz, nem conforto,

somente afagos passageiros.

o que era?, quem era?, pouco importava. estava ali, podia tocá-lo.

o desobedecer era nossa vontade. o medo artiloso, tentou coibir o desenlace. Frustrou-se.

falamos da morte como que fechar a casa lentamente ao cair da tarde,
o vento tocando nas folhagens do alpendre,
pássaros desaparecendo aos poucos em busca do ninho,
imagens que se dissolve suave na neblina azulada da retina que se fecha

um eterno planar na noite, a esmo, sem a certeza de num dia poder pousar.

vivemos o instante, intenso, irreprimível.
não é sonho. só momentos que se acham na perda

dançar alucinado ao som do mundo,

sentindo o lamento da terra, chorando a própria morte

fincar repentes de paixões em instantes atemporais, e dizer:

o efêmero das coisas, por vezes, agita a cabeça. Mesmo assim, ...

Daniel

Diário de um Cruspiano

(Primeira parte)

12:00h

Ontem a festa andou animada, fomos todos dormir tarde. Daqui a quinze minutos temos a Assembleia. No acampamento, todo mundo tá a fim de invadir já. Tem gente que se não invadir hoje não tem mais casa pra' dormir. Se não houver invasão, o acampamento continua - por necessidade.

19:30h

Estou cansado. Invadimos. A diretoria do D.C.E. - que desde o início tentou nos isolar - foi contra a invasão, mas não deu outra. Que trabalhão... tá tudo sujo ainda. A ligação elétrica não está pronta ainda. Tá todo mundo trabalhando como pode. Que cansaio!!!

23:20h

Faz tempo que não escrevo. Agora as coisas já estão acalmando. O quarto já está com jitar de casa. Levantamos as divisórias, refizemos a instalação elétrica, lavamos o apartamento e já ajeitamos nossas coisas. Só falta dar um jeito nos pernileiros. Mas tudo bem! Fiz uma prova. Que foda! Esse semestre dançou... Amanhã tem outra prova e eu não estudei nada. Dizem que o restaurante vai fechar, aí é que vai ser o caos!

00:00h

As férias vão começar. Esse período vai ser fogo, sem ninguém no campus. Fala-se que a polícia vai invadir. Mas o pessoal não vai arrear já. "DAQUI EU NÃO SAIO, DAQUI NINGUÉM ME TIRA". Todo mundo já tá afim. Tem a Comissão de Manutenção, que inclusive já arrumou o elevador. Tem a Comissão de Limpeza e um rodízio para a área comum. Foi tirada a Secretaria da Casa em definitivo, pelo menos durante as férias. A maioria das pessoas tá a fim de vivência/comunidade. Tem gente que fala em comunidade, sei lá! Por enquanto eu acho que no mínimo tem muita vida. Até nas reuniões da casa, que são semanais, todo mundo participa. E os milicos vão ter que pensar antes de tirar a gente daqui. Até as festas têm sido incríveis!!!

A escala de férias tem funcionado. A festa de fim de ano tinha mais de 200 pessoas. Foi uma zorra. Até o Lúcifer pintou e foi lançada uma campanha de ANISTIA PARA LÚCIFER!

A retomada das aulas, das lutas. A assembleia de amanhã vai apontar o novo caminho da luta pela moradia. Temos tudo para avançar: FORA RONDON, BLOCO F reformado, já!

Fenato
01/04/80

Era um homem franzino, com ângulas e o olho raiado de verde.

— Amigo — chamou, —
vamos outra pra nós.

O rapaz atrás do balcão desligou um rádio que chiava barulhento, e fez o atender o chamado.

— Só?

— Uma branquinha pra mim... E você, minha flor?

A flor era uma negra com o cabelo espelhafatoso capado à força, gorda e de poucas curvas.

— Vamos gostando da vida — ela disse.

— Ora, hoje é um dia especial...

— Eu sei; hoje é dia de festa; eu sei.

— Pois é, minha flor.

Por ali um grupo de estudantes discutiam apaixonadamente um assunto qualquer. O homem despejava cerveja nos copos.

— Essa mesquinha bem que podia fazer menos barulho — ele disse ao rapaz do bar.

— Quê que se pode fazer? ... São fregueses, tão aqui quase todo dia com essa lenga-

lenga deles. O patrão não importa: estão falando mal do governo.

Ficaram olhando para o grupo. Um deles gesticulava muito e parecia querer convencer os outros de uma coisa qualquer.

O homem deu de ombros enquanto o rapaz voltava para trás do balcão.

— Onde ficou tentando sintonizar o rádio.

— Meu bem — a mulher disse, — já tá muito tarde, não?

— É que é que tem,



minha flor?

— Ah mesquinha...

— Ach malhas, até parece que você não tá gostando da comemoração!

— Fiquei satisfeita e sim.

Ele pousou um mão no dela.

— Esquece os problemas pelo menos por hoje, tá? — disse.

— Mas bem, estamos bebendo, comendo e gostando já faz umas duas horas...

— Ora — ela piscou o

um olho, — eu economizei o meu inteiro pensando nesse dia...

— Lembra, nem pularam carnaval?

Mentira para elas: não pularam carnaval porque não

tá nem mesmo dinheiro; nunca economizara, e o que gastavam hoje

era o dinheiro do seu primeiro emprego. Fora fácil e tudo corria

na bem! Mentira para ela dizendo que tinha economizado e depois

ele próprio acreditou na mentira.

— Eu até fiquei enganada — ela lembrou, — é que não sabia.



— Tinha que ser sur

presa, se não não valia nada.

Ela olava para ele, os seios, grandes, acompanhando

a respiração. Tinha um gole de cerveja. Ele virou a pinga de uma

vez, fazendo caretas de repugnância. Ela levantou para ir ao ba

nheiro, e ele ficou olhando para

atrás para suas ancas, as nádegas subindo e descendo, ele nu

merando... Não poderia negar que estava feliz. Como ela mesmo di

se, valera a pena aquele sacrifício: não pularam carnaval, ele

ficou escutando resmungos que o dinheiro tava curto, às vezes

ela negaceando com a mais elementar das obrigações-do-casamento

dizendo que ele não firmava si

tuação pra sustentar as duas fi

lhas pequenas — mas fez questão de esclarecer que ele sempre con

tornava as manhas dela... Ele sorria e pensava que afinal fa

ziam dez anos que viviam juntos

e ele a conhecia bastante. Costa
va dela e estava satisfeito por
comemorar aquele dia especial;
o dia, fazia muitos anos, em que
resolveram morar juntos. Ela não
era meiga e ele a tirara duma ca-
sa de mulheres; suspeitava mesmo
que finalmente ela não lhe era
fidel e continuava a arrumar
outro lugar, um ligeiro... mas
preferia fazer de conta que não
notava. Morar era mais fácil;
e dia que firmasse situação exi-
giria fidelidade completa. Ela
relaxava do banheiro, sorrindo
na quase nunca aceitacia.

— Ah, você é um sa-
fado! — exclamou.

— Per quã?

— Fica me dobrando.

Estamos aqui gastando uma fortu-
na...

— Deixa de ser pão-

-dura pelo menos hoje, mulher.

— Mas tã as meni-
nas... elas dormiram sem comer
nada.

Ele sorriu. Tirou uma
nota do bolso e esfregou no rego
dos seios dela. Ela fez um movi-
mento que revelava certo pudor:

— Chi diabo, quê que
te deu?

— Amanhã cê compra o
tanto de comida que quiser, mas
hoje não se fala mais nisso.

— Ehi ficou bravo, e
amorzinho?

Calese, encheu novemen-
ta os copos. Já estava meio bêba-
do. Essa mulher, sempre com es-
pírito de chulé!... mas a raiva dele
é que ele tinha razão. As meni-
nas deixaram mesmo sem comer na-
da. Pensava que eles estão mal
agradados e que o vento que
agora entra pelo meio dos paus
do barraco castigava o corpo de
lã. Lembrava de quantas vezes

nas noites de frio as observara
debaixo de trapos com o corpo en-
colado, como se quisessem fugir
do mundo... Mas que droga, esta-
vam ali pra festejarem, lembra-
rem os bons momentos das suas vi-
das e não pra conversarem sobre
o dia-a-dia.

— Minha flier — ele
murmurou, — não vamos falar de
coisas tristes, pelo menos hoje
não.

Passou o braço por trás
da cadeira dela. Um dos rapazes
do grupo na outra mesa gritou
"abaixa a merda desse rádio". Ela
colocou mais cerveja nos copos.

— É que eu não estou
acostumada com isso que você fez
hoje.

— Não precisa fazer
essa cara de choro...

— Cara de choro a pu-
ta-que-pariu.

— E ficar brava não
adianta — ele disse brincalhão.
Ela o olhou no instante de silên-
cio. Ele convidou: — Vamos lem-
brar os bons momentos que tive
nos juntos...

— Que bons momentos?

— Ora, todos.

— Mas cada bom momento
depende dum monte de sacrifícios!

— Pois vamos esquecer
os sacrifícios que hoje é um dia
especial.

— ...Que só foi possí-
vel por causa dum monte de sacri-
fícios.

— Pô, cê tá parecendo
o Zé ligeiro, só tá faltando ago-
ra falar que somos proletários
desprezados e chingar o governo.

— Pois é... é isso,
essa coisa toda mesmo.

— Mas será que você
caiu na conversa desse ligeiro
cura figa?

— E não tá certo o que
ele fala?

— É... certo pode es-
tar, mas é perigoso, pode dar ca-
deia.

— Cê sabe que eu não
entende direito essas conversas
tôcas, mas cadeia também é exa-
gêro.

— Pois pergunta pra
ele então.

Ela calou. Não enten-
dia porque provocava aquele tipo
de discussões com o "seu" homem.
Escutava conversa dos outros e
mesmo sem entender direito tenta-
va discutir com ele. Achava-o um
palerão que não queria subir na
vida, e que parecia querer era
se mutar de trabalho pra enrique-
cer os outros. Não imaginava que
ele e uns novos colegas haviam
arrumado um jeito fácil de ter
dinheiro se tudo sempre corresse
bem.

— Ah — replicou de-
pois, — você bem sabe que eu
não gosto daquele comunista.

— Mas parece que gost-
a das idéias dele.

— E ele é lá homem pra
ter idéias dele. Isso é coisa de
aqueles livros... ou então daque-
les amigos esquerdistas que ele ar-
rasta.

— Meu amor — o homem
murmurou após uma pausa em que
observou os estudantes na mesa
ao lado, ignorantes da vida e
masturbando "suas idéias políti-
cas", — vamos falar de outras
coisas.

— De quê?

— De coisas boas.

— Tá bom — ela disse.

E ficaram em silêncio,
olhando para os copos com cerve-
ja pela metade.

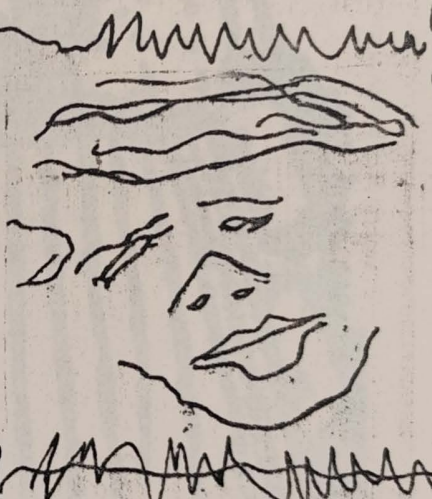
Ca colunistas notórias anti-
rida fignro nenes libando, na
éopa feia, coisa de que se
orgo nas sacralidades críti-
cas que tenho feito ao urso

Agosto 180 - 29 anos.

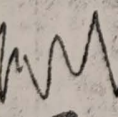
29 DE LUTA

0257

Éle um bom exemplo da importância de uma estratégia bem elaborada, fundada na solidez da razão e afinada pelo discernimento do bom senso, que pode ser intuitivo. Se, ao invés de ovos fritos ou mulheres no deserto, trilhou desejos para a Ajuria cavalos e arados.



Hoje em dia todo mundo anda dis-
fargando.


 Estratégia
 & táticas
 sobre
 Intervenção
 na Realidade

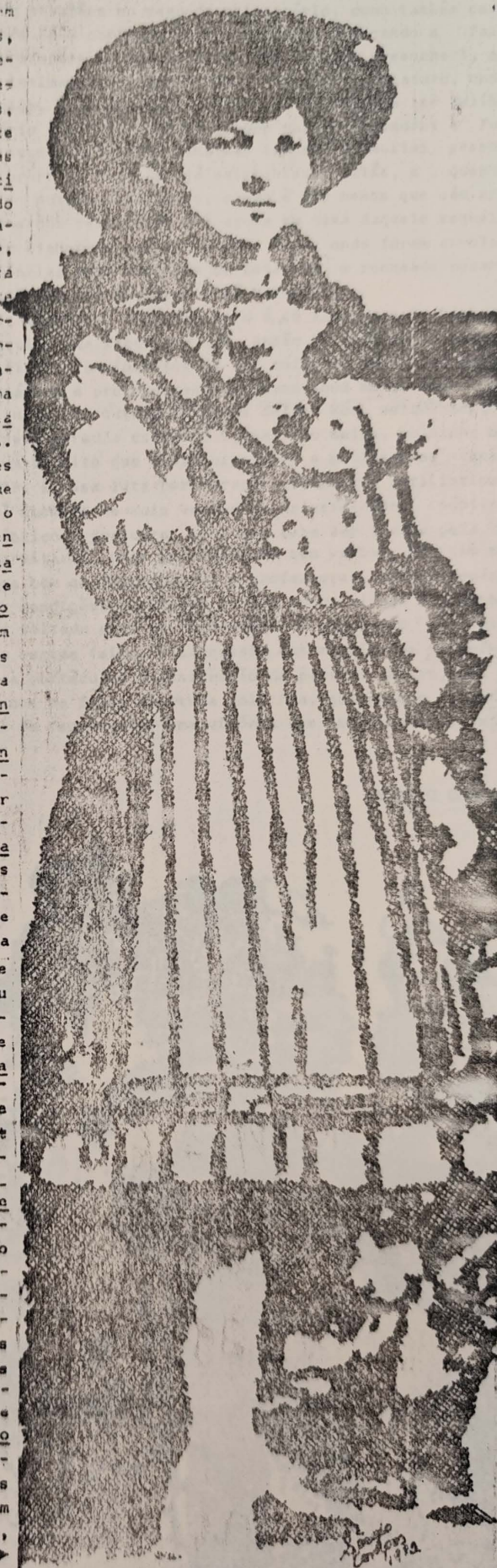
Sergio de Oliveira

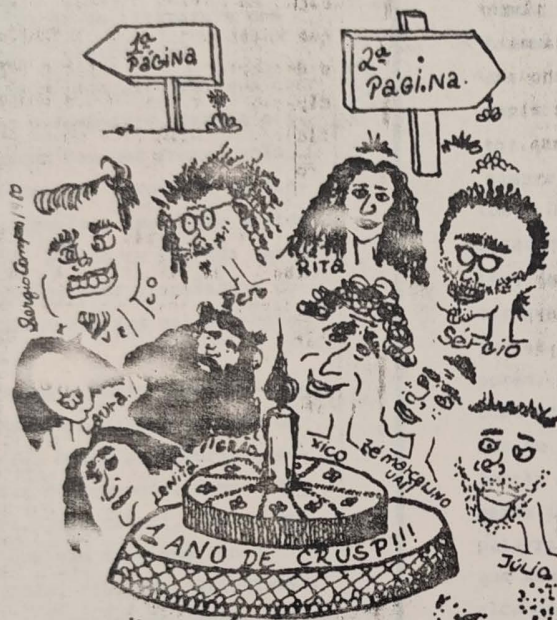
Intervir, em qualquer circunstância, é um ato transferidor; e a não, de uma "realização" oferecida por um feixe de contradições expressas sob a forma de um fenômeno. A "realidade" é um jogo de supelendas. Intervir não implica a opção estratégica, independente da posição momentânea do sujeito, que se movem, logo que se movem, porque que não do jogo dialético.

A
Estratégia
consiste atualmente em
perceber certas regras de
comportamento
pelos seus excessos, e
operando em objetivos,
trazer equanimi-
tude.

Formulário A-1 - 100012

Hoje o Partido dos trabalhadores existe realmente. Está encorpado, mesmo ainda "fraco" e um tanto quanto indeciso, talvez; Tem núcleos espalhados por todo o país, por iniciativa de operários, camponeses, representantes da igreja, ou mesmo setores da pequena burguesia. E o Partido dos Trabalhadores já sofre as consequências de ser um partido de expressão nacional: muitas vozes, diferentes, falam dentro do PT, e antes, aquele partido existente apenas na imaginação dos líderes sindicais após as mobilizações previstas de 78, no ABC, enfrentou um rápido período de amadurecimento, onde as discussões em seu torno transformaram-se, mais do que reivindicatórias, politizadas, apontando assim, pelos trabalhadores como uma corrente a encarnar a independência de classe, uma opção classista às alternativas dadas pela oposição burguesa ou no estalinismo pequeno burguês, instalado na defesa da frente ampla de oposições, pela não contraposição aos interesses da burguesia "progressista e democratizante". O PT enfrentou a reforma partidária, quando ARENA e MDB foram dissolvidos, mas o parlamento burguês, montado em período ditatorial, não o fêz, de uma maneira bastante discutível, mas concreta, aceitando parlamentares da então chamada "ala autêntica" nos seus quadros diretivos. Hoje o PT sofre a influência de grupos como AP e MEP com posições políticas não muito distantes às de correntes e tendências que militam no PMDB. Por tudo isso, e mais alguma coisa (ou muitas) o PT, sendo um partido sem padrões, que se diferencia claramente dos demais partidos de oposição, nascido no bojo das mobilizações operárias, ainda não se definiu como operário, com direção e programa nas mãos da classe, na perspectiva histórica desta: o socialismo. E é por isso mesmo correto levantar-se a bandeira de um PT operário e de massas, como resposta aos setores majoritários que a todo custo tentam cooptar a simpatia daquela que é a única capaz de direcionar as massas oprimidas por uma sociedade realmente mais justa: a classe operária. E é no sentido de um PT de massas que se define na USP um núcleo pró-PT, formado por simpatizantes do partido, que sabem ser o seu papel político enquanto estudantes universitários, fatia da pequena burguesia, além de lutar por seus direitos, ganhar outros setores desta, para a causa operária. O núcleo, que se reúne semanalmente nas Ciências Sociais apoiou a recente chapa formada por L.L. e M.R.S. para concorrer às eleições da UEE, por ser um passo adiante e consequente por vários motivos, um dos quais por reivindicar apoio ao PT, apesar de um pouco abstratamente na minha opinião, ou por colocar-se pela federalização das escolas pagas, pelo ensino laico e gratuito e por mais verbas para as universidades públicas, apesar de, no meu modo de ver, não tocar numa questão importante em sua carta programa: o controle político destas verbas por parte da comunidade universitária, cristalização do ideal de democracia na universidade, o governo tripartite de funcionários, professores e estudantes, fórmula esta, que se contrapõe à política de conversação e aliança às reitorias progressistas, e liberais, defendendo a participação nos seus organismos de decisão, como os órgãos colegiados. E onde entra o CRUSP nesta geléia?, como é geral, nesta época deteriorada, enfrentamos problemas concretos, armados para presente de primeiro aniversário, ainda não afastada a nefasta hipótese de ser o próprio bloco F a "velinha" a ser apagada no dia do aniversário (não obrigatoriamente neste), dadas as precárias instalações elétricas, péssimas condições de segurança, nos seus mais amplos aspectos, ou os camundongos abiscotando uma grande fatia do bolo da vitória, confeccionado da infundável poeira dos corredores, nos quais se deliciam, ao sabor do canto massivo (essa sim, é uma vitória!) das já mais de duzentas pessoas residentes (apesar de a maioria apenas cantar, fazendo nada mais do que isso, deixando o trabalho a ser levado pela secretaria e pelas comissões no bolinho da festa, nas mãos de incansáveis - será? - brigadeiros, que adoçam a festa de aniversário, ou as assembléias apesar de, como todos os demais - todos mesmo? - arcarem também com hora para levantar, estudar e trabalhar para sobreviver e, por que não?, morar - agora sim, como todos aqui no CRUSP -).

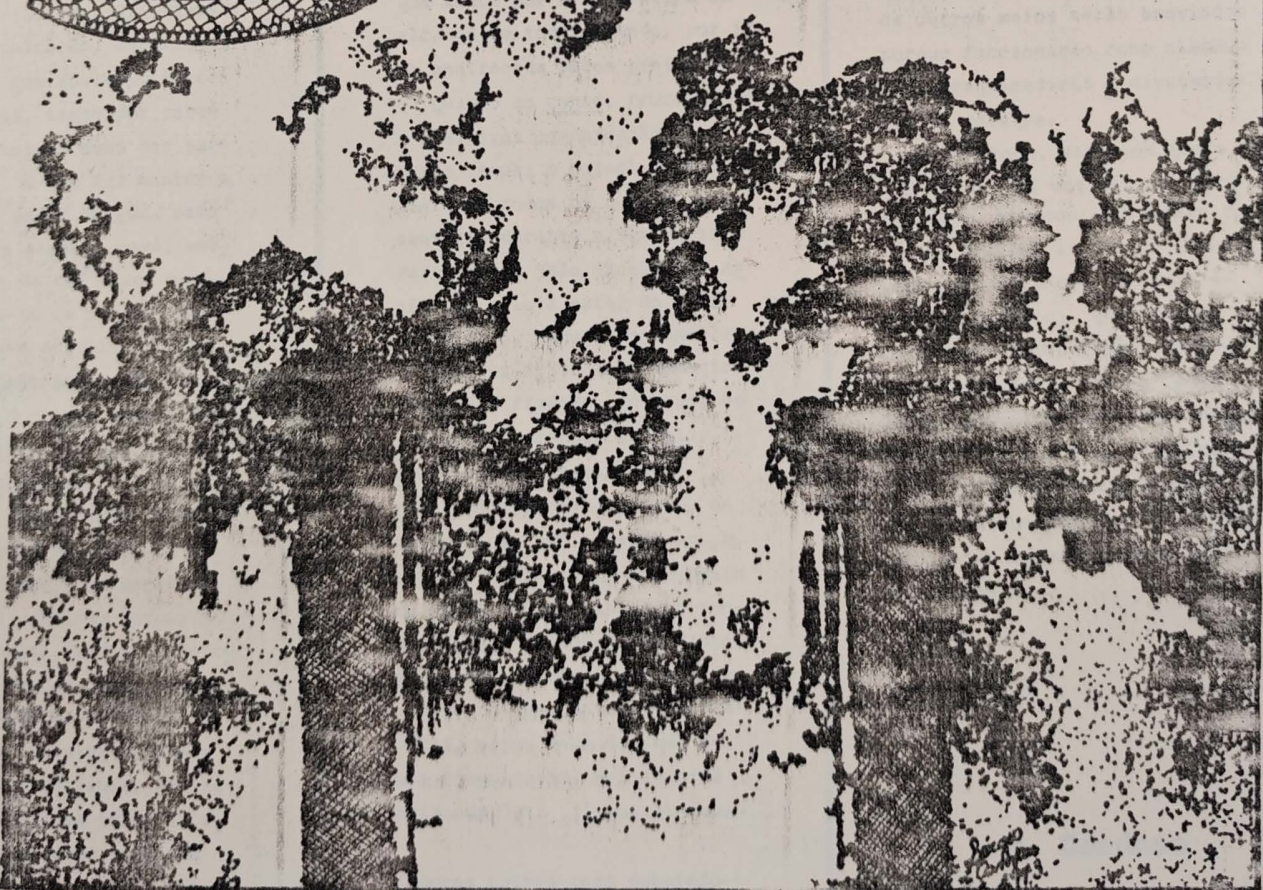




Temos de levar adiante a seleção de novas vozes para engros-
sar o canto de parabéns no segundo aniversário, como também cata-
logar as atuais (e a comissão de seleção está começando a fazer
isso, já distribuídas as fichas para cada morador preencher), as-
suntos esses intimamente ligados com a feitura do estatuto, onde,
na minha opinião, é de direito - apesar da assembleia ter delibera-
do o contrário - o CRUSP servir também para Professores e Fun-
cionários, e suas respectivas famílias (apesar de muitas pessoas
ignorerem as próprias famílias já existentes). Aliás, a questão
do Estatuto tem outras conotações, e não é por menos que não acir-
radas as discussões realizadas até agora em cima daquele esquele-
to de Estatuto elaborado por mim e pela Rita, onde foram arrola-
dos as divergências pela comissão de Estatuto, e recheado recente-
mente pelo ex-acadêmico de Direito Zé Marcelino.

É pessoal, moradia é fogo (ô, isso é só figurativo). Lembrei-
me de uma pesquisa realizada por nós, então 19 anistas de Ciênci-
as Sociais: 15% dos funcionários da USP mofam na favela do Butan-
tã. Os funcionários e professores que levam seus movimentos por
moradia como lutam por outros direitos deles. Nós, estudantes, le-
vamos a luta pela moradia estudantil, mas não deixa, na minha opi-
nião, de ser um direito que os funcionários e professores tenham
acesso ao CRUSP. E essa luta por moradia estudantil está intima-
mente ligada à questão de mais verbas às universidades públicas
pelo ensino público e gratuito, luta que cabe ser levada pela co-
munidade universitária, pois universidade sem verbas, não tem mo-
radia, não paga bem os funcionários e professores, não oferecendo
portanto, boas condições de ensino, e uma universidade com verbas,
democrática, e voltada para os interesses da população oprimida
não existe num regime (ainda ditatorial) que reprime os trabalha-
dores, e coloca obstáculos à construção do partido destes, não co-
gitado nos planos da falsa abertura política, que apesar de estre-
ita, não deixa de representar uma vitória dos trabalhadores e o
povo.

SÉRGIO CAMPOS.



Paralelamente à VI Bienal do Livro, realizou-se, recentemente, um Seminário de Literatura Brasileira, em São Paulo.

Apresentou-se um painel de tudo o que vem ocorrendo nas letras, neste país, no campo do romance, da poesia, do conto, além de ter sido feita uma interligação da literatura com os meios eletrônicos.

Iêo Gilson Ribeiro, que coordenou o Seminário, também o inaugurou com uma comunicação inteligente, eivada de sutilezas, ironias, prendendo a atenção do auditório com sua vasta erudição, seus atualizados conhecimentos, sua palavra coloquial.

Dooube a Mário Chamie discorrer sobre o vasto panorama da poesia, desde as figuras grandiosas de Drummond, Manuel Bandeira, João Cabral, até os grupos que vão surgindo, como POETASIA, PINDÁLIA, SANGUINOVO. Após a comunicação, abriram-se os debates que foram polêmicos e acalorados, tanto por parte do conferencista como dos participantes, o que fez manter a atenção de todos voltada para a poesia. A geração nova, embora tachada de ter fraca memória, cobria-se de razão, uma vez que houve algumas lacunas de obscuridade por parte do comunicador. O saldo, porém, foi muito positivo, já que se recordaram as polêmicas condoreiras dos velhos tempos entre Castro Alves e Tobias Barreto, no Teatro Santa Isabel, no Recife. A poesia saiu ganhando porque houve um interesse redobrado de todos os participantes do Seminário na utilíssima polêmica.

Destaque-se a palavra do poeta Carlos Nejar, vibrante, que teve um discurso em torno da temática pedra, desde a famosa pedra no meio do caminho, de Drummond, até as pedras que outros vão removendo com a sua

sabedoria.

O romance teve a apologia de Alfredo Bosi, ao dispor sobre a trilogia de Dyonélio Machado: Os Deuses Econômicos, Sol Subterrâneo e Prodígios. Comunicação substanciosa que despertou a atenção dos admiradores da obra de Dyonélio Machado, muito embora os livros fossem desconhecidos da maioria dos presentes. Depois houve a participação de outros elementos que compunham a mesa, nem sempre muito felizes, como Antônio Dimas, que não foi bem interpretado pelos presentes e teve de justificar-se com as muitas questões que lhe foram propostas. Todos esses aspectos, porém, eram proveitosos, porque concordar e discordar são formas de participação e de manutenção de um auditório em permanente interesse. Um destaque à palavra de Lygia Fagundes Teles que soube pôr a literatura ao alcance de todos, sendo, por isso enaltecida pelos presentes.

Quanto ao conto, procedeu-se a admirável comunicação de Ricardo Ramos, o painel mais completo de todos os que se apresentaram durante o Seminário. Partindo de "São Machado de Assis", a célula mater do conto brasileiro, segundo o conferencista, fez-se um levantamento, uma classificação, de todos os contistas modernos de valor, - trabalho que precisa ser feito com urgência, porque, acreditamos, não existe nenhum estudo tão completo a respeito de nosso conto moderno. O conferencista manteve-se à disposição do auditório e respondeu a todas as perguntas, com simpatia, mesmo fora do tema de sua comunicação. Foi a noite mais completa, já que os deba-

redores agiram como debatedores e não como novos conferencistas, como ocorreu nas cu-

tras noites, o que contribuiu para o enriquecimento da comunicação.

A literatura e os meios eletrônicos teve uma apresentação em duas partes. Na primeira, através de vídeo-cassete, relembrando-se bons momentos das tele-novelas. Na segunda, comunicação de Carlos Queirós Teles, que entende a fundo do "métier", e despertou o interesse e participação de todos. Houve uma participação muito rica de um membro do auditório, prevendo tempos em que possamos dispor de material em nossas casas, à semelhança de livros, para que possamos, quando quisermos, voltar atrás, rever, analisar melhor, comparar. Ficou, assim, afastado o receio de alguns que temem ser decretada a falência do livro. Qualquer que seja o progresso, as inovações, a palavra impressa será a forma mais completa de comunicação e todos os outros meios serão bem-vindos porque funcionarão como elementos enriquecedores e divulgadores da palavra.

Concluindo, diríamos que o Seminário foi utilíssimo, enriquecedor, enfocou amplamente todas as grandes linhas da literatura nacional, com omissão apenas da crônica, questionada em algumas intervenções da última conferência. Seria oportuno que houvesse seminários dessa natureza com mais frequência e que se debatessem nos próximos apenas um aspecto, cada vez, para maior aprofundamento dos participantes.

M. Cardoso

OS RUBIS DO RELÓGIO

Olhos saem da mesa, contorcidos
penetram, retornam, penetram
o rubi se cristaliza
gradativo, musical

Ama aos amigos quem consegue,
em crâneos onde gravitam cores,
trazer o Tempo em que cristais se beijam

e ouve o oceano murmurar
em pequenas lascas da atmosfera:
e o presente sonoro a quem sabe
penetrar, retornar, penetrar
e derramar pérolas, no olhar

— Juvenal Neto —

RITA DE CÁSSIA

Vem
do Rio
A cidade
tanto
atraiu
jamais
em
mim
A praia
em suas
águas
cala
um olhar
O mar
em suas
ondas
a ância
do amor
tem
Sela
os
momentos
na
distância
Faz-me
chorar
Do coração
o calor,
os lábios
aquece,
os nossos
Passear
com ela,
dâ-me
a mão
não te
esquece
tenha-me
Na praia,
do Rio
a distância
das águas
Vem

SÉRGIO CAMPOS

na
cos
de
nueen

E DE MIM NASCEU O NADA
PARA NADA SER O QUE TUDO FOI
DESTE SER QUE BROTOU
SEM CAUSA NEM FIM
APENAS UMA APARENTE
TRANSPARÊNCIA NO REFLEXO DO CÍRCULO
AO NADA

roberta maria de baere

AMORZINHO SÉ

Os olhos molhados
a chuva nos trilhos
o tempo se esconde
atrás dos morros

As nuvens encobrem as
estrelas

O sol mora longe,
lá no meu coração

O tempo nos trilhos molhados
se esconde

no meu coração longe
atrás dos morros
mora o sol.

Rita de Cassia Paul

estou feliz por estar vivo
por estar ouvindo
o caetano cantar odara
feliz por conhecer a lilian
nem tudo esta odara
mas estou feliz

estou feliz porque amanhã
é outro dia
feliz por estar criança
pelas crianças
por mim
criança
que tem medo
que ri
que chora

estou feliz por cantar
estou feliz e às vezes
tudo é jóia rara

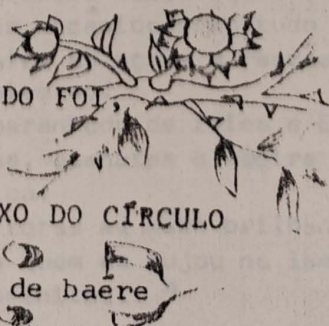
feliz porque só sendo feliz
terei forças pra brigar
pelo que acredito
pra dar as mãos firmemente
pro pessoal que também tem mãos

e quero fotografar a alegria
das pessoas que brigam pela vida
quero guardar a alegria
de quem acredita

feliz porque só a felicidade
tem força transformadora
feliz por saber que eu
posso ficar triste
por isso estou feliz

feliz por sentir as lágrimas
perto dos meus olhos
por senti-los molhados

TATIANA VASCONCELOS



ASTROLOGIA

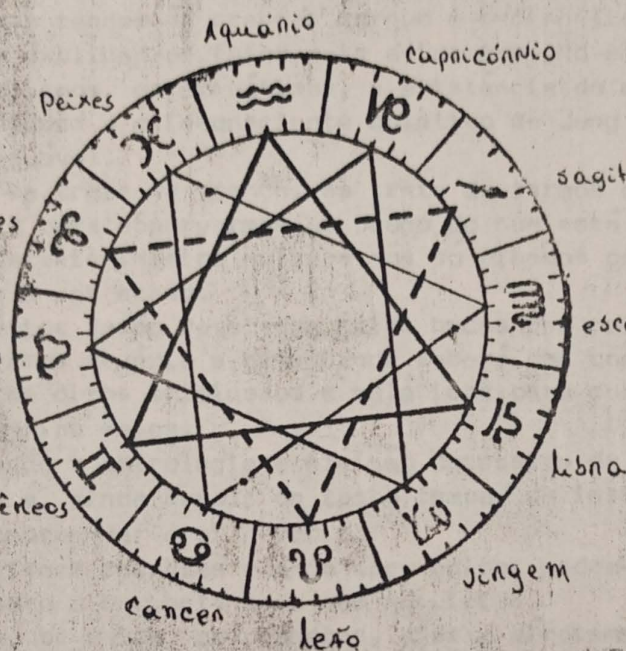
1980.....

Alquimia

Processos Mágicos

- Pureza de propósito

- Pureza de pensamento



INGREDIENTES

- Δ água
- Δ fogo
- Δ terra
- Δ ar

água

- * Câncer
- * escorpião
- * peixes

fogo

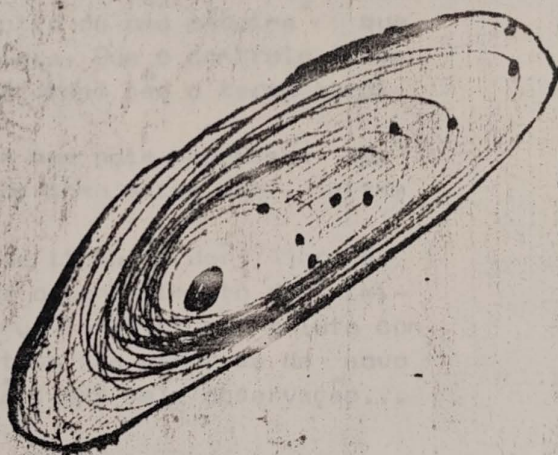
- * Áries
- * leão
- * sagitário

terra

- * touro
- * virgem
- * capricórnio

ar

- * gêmeos
- * libra
- * aquário



... Não se trata de uma questão de crença, mas de comprovação. Uma atitude puramente científica, Senhor! Mas é como uma ratoeira ... é estudar e estar emaranhado dessa coisa louca de se ver mecânico como tudo que sofre as ações e reações do Universo! Emaranhado de raios e Estrelas, planetas e poeira Cósmica! E terás as mãos brilhantes, de quem as sujou na lama do Infinito... "

A astrologia é uma prática antiga destinada a bruxos e profetas.. no entanto tentos bruxos habitam sobre a terra que levá-la para os profundos porões é anti prático, desconfortável.

A astrologia, agora, é ensinada em universidades e usada até como espionagem internacional.

Suas bases tendem às crenças porque o racionalismo não consegue explicar os fatos mais evidentes. No entanto - os simbolismos, os arquétipos, a existência de um fato comum a todos - o inconsciente coletivo de Jung - é bastante rasuável.

Mas não se trata de crença, se trata de termos o espírito aberto para absorvermos um pouco do que está fora de nós. A Galéxia inteira pulsa e nós só olhamos os dentes cariados e por acaso.

Os mistérios serão revelados pelas bocas das crianças e nessa Era de Aquário a humanidade saberá dos conhecimentos, antes ditos criminosos e maléficos, para cura dos seus próprios males.

Não defendo a Astrologia e ela não necessita de defesa, pois que é, ainda depois de tanto tempo, um instrumento de se compreender a si próprio.

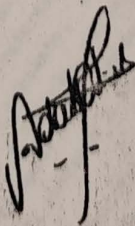
Os mecanismos celestes quando apreendidos podem-nos dizer de como a harmonia pode ser adquirida.

Os eixos, os raios, os planetas, afetam diretamente o homem e sua relação desordenada e endoidada não nos deixa observar que estamos dentro de uma máquina que precisa ser polida, ariada, limpa. Que o controle pode ser readquirido. Embora alguns creem não o terem perdido...

O controle não vem pela crença nem pela repressão dos impulsos, vem pela percepção de como estes agem, agitam e esperneiam.

O desafio aos Deuses deu no que tinha de dar. Agora é enfadonho. O desafio pressupõe o conhecimento do inimigo. Mas já foi a tanto tempo que insistir nessa luta contra si próprio é menos proveitosa que olhar-se de novo no espelho. -Não pela aceitação! mas pela observação... Depois tudo pode recomeçar e..

Deus vomita os seus
filhos eternos
até que o matem.. um dia e novamente..



Adalberto
CRUZ
07/10/80

INSTITUTO BOI
TANTA ESTUDAR
703 PARECE
CASA

Principais da USP? Esperamos
que não, isso seria um absurdo!!!
Perguntamos mais: o que impede que
as forças repressivas invadam e vio-
lem nossa "vida comunitária e vio-
lamos".
E a universidade passa a se resumir
no quê? Em sua função primária e ul-
trapassada, de só estudar? Sem vida,
sem vivência! Sem outra função? Isso
é a própria noção de "propriedade pri-
vada burguesa, a universidade cerca-
da."

E quanto as "desculpas" inventadas
pela burocracia de "ataques ao patri-
mônio público", por parte do patri-
a universidade.
em vez de ver os frequentes roubos, co-
ste social, fica pedindo policiais pa-
ra nos cuidar. Credo, que horror! E o
Apocalipse now... Prô Oliva um recado:

MOS CIDADANOS DE NÓS
Mas não só Prô Oliva, prô todo mundo,
dizemos, alto e em bom som: nós podemos
e sabemos nos proteger, sem policiais,
sem auxilio da universidade, coletivamente.
Pela AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA de alunos,
professores e funcionários.
Alto lá das palavras de ordem nem vamos
aprofundar de tudo. Para de invadir a

PRÔ OLIVA, PRÔ TODO MUNDO,
SEM POLICIAIS,
SEM AUXILIO DA UNIVERSIDADE,
COLETIVAMENTE.

DE PRES
SÃO
DA
U.S.P.

ESCOLA DE POLICIA

S.1 S.2 LABOR. SERV. FUNER.



RA DE
RA-
NAG, ESTU-
ANTES SO
ENTRAC
DOCUMENT-

ESTAMOS CERCADOS

AMEAÇAS, BOMBAS...
E as ameaças de bombas, por telefo-
ne; E o CCC que solta gás lacrimogê-
nio, daqueles usados em manifestações
numa festa do Crupap, há 5 meses, e
ninguém falou nada! E o fato de até,
passarem, camburões de Guerra (Doic) cin-
cularem livremente pelo campus. Sem
contar o fato de pessoas terem presen-
ciado a agressão a estudantes por
policiais a cavalo da PM.

As pessoas que defendem a ideia da
"universidade protegida", devem ter
bem claro, que as atuais formas de
proteção, não são as mais originais,
vistas que campus cercado, lembra o
nazismo de Hitler, com seus campos de
concentração. Perguntamos: Por acaso
tem gente querendo ver os universita-
rios e professores e funcionários em
campos de concentração, cercados com
guardas e barbed wire em todos os encon-

do a universidade, chegando a toda a
sociedade.
E esses grupos reformistas? São re-
flexo do retrocesso do M.E., que num
processo dialético é reflexo dos gru-
pos reformistas e imobilistas, de
todos os tipos, e dos pseudos grupos
"consequentes", de todos os tipos?

Há muito que a burocracia da USP vem
querendo colocar porções na cidade u-
niversitária, com guarda e tudo, prô
revistar, e parece que conseguiu seu
intento de fato. Pois, com a desculpa
de acabar os "rachos", em vez
de colocar bloqueio, eles fecham a USP.
Colocam forças repressivas, nas entra-
das principais da cidade universitária.

TUDO CERCADO
As áreas verdes, bosques, lagos, há
muito, são rigidamente cercados. Os
policiais param, revistam todo mundo,
violando a integridade física das pes-
soas, da universidade. Enfim é uma ge-
nucula existiu, que poucas vezes, ou
de fato; ou seja, foi de se-la, agora
que a significação da universidade está
vencendo o M.E., e portanto, os
Ichan... Ichan... Ichan... Se
estão trairdo a universidade, se
há que significar isso na verdade? Será
que a burocracia da universidade está
vencendo o M.E., e portanto, os
Ichan... Ichan... Ichan... Se
estão trairdo a universidade, se
há que significar isso na verdade? Será

Sérgio
Amorim
1980

OLIMPIA

TO ABERTO

DA
U.S.P.

ESGO
TO ABERTO DE
A PINEIROS

ENTREVISTA COM O PROF. CARLOS EDUARDO ALMEIDA

Engenharia Civil — Poli — USP

P: Para o Sr. que viveu como estudante a construção da Cadopô-Casa do Politécnico, o que ela significava naquele tempo?

R: Antes de mais nada não só um local de moradia de determinado número de alunos, mas centro de convivência de estudantes. A gente sonhava com um salão de festas onde pudesse fazer um baile, dar um concerto. Poderia jogar um snoker sossegado. Não era só moradia. A Casa era um local de convívio. Era um sonho: sonho da jovem.

P: E quanto às dificuldades atuais da Casa, o problema da legalização?

R: Não acredito que vá ser legalizada... Hoje eu acho que a única solução é acabar...

P: Mas parece que o pessoal tá pensando em transformar em salas de aula do cursinho, coisas deste tipo.

R: Também não acho justo pegar aquilo que foi feito com tanto sacrifício, com uma finalidade objetiva, e canalizar pra outro fim.

P: E a moradia estudantil de modo geral, aqui na USP?

R: Acho que dentro do Campus é difícil. Nas proximidades acho que não é difícil. Tem essa área aqui atrás da Cidade Universitária, é uma zona que tem muito terreno vazio.

P: Mas teria que ser dentro do Campus porque assim fica mais fácil e barato para o Estado fazer...

R: Não é o Estado, não é o Estado que tem que fazer! Na Cadopô, não teve colaboração de ninguém. Não houve mesmo nenhuma participação do governo. Só o terreno foi emprestado ao Grêmio. Acho que quem tem que fazer são os alunos. Se a gente vai partir da idéia do Estado fazer, não vai fazer, evidentemente.

P: Naquele tempo não se enfrentava nenhum problema com nível de ensino, essas coisas?

R: A briga nos 5 anos de escola no meu tempo foi por causa do restaurante, o grande drama, né? Inclusive, a gente era obrigado a ter uma participação muito maior na vida da escola, era forçado, mesmo que não quisesse, porque tinha que comer lá, não dava tempo pra ninguém ir almoçar em casa. O grande drama nosso era sempre o restaurante da escola. Ele era vital, todos os alunos da escola almoçavam nele. Então, mais

do que nunca, a necessidade dos alunos se unirem.

P: E a questão da convivência na escola?

R: A gente convivia muito, os alunos conviviam muito entre si. O ambiente da escola hoje é muito diferente do que era naquela época. Eu vejo aí, a gente nota um desinteresse do aluno pela escola. Tanto do ponto de vista ensino, professores, aula; mesmo o espírito de coleguismo... Um espírito de colaboração com os colegas, não é? Altruísmo, essas coisas... Será possível que os alunos da escola não tem espírito de coleguismo? Vejo isso com certa vergonha... Meu filho, depois que saiu da escola é que foi descobrir que a um quarteirão de casa morava um colega dele. Hoje o sujeito sai da aula, imediatamente desce e vai pegar seu carro. E vai um em cada carro. É extremamente importante essa convivência, quase tão importante quanto o ensino. A convivência entre os alunos e dos alunos com os professores. Essa vivência é muito importante pro engenheiro na vida profissional. Tá muito difícil o mercado de trabalho do engenheiro civil. Não é que a demanda tenha diminuído, mas a oferta de engenheiros cresce assustadoramente.

P: E como o sr. vê os alunos de hoje?

R: Acho um erro muito grande esse que os alunos sistematicamente vêm cometendo: o de procurar fugir, não querer ter aulas. Essa campanha dos alunos querer período livre, não querer ter aula de manhã e de tarde, sempre no sentido de diminuir, quando devia ser exatamente o contrário, ainda mais que a universidade é gratuita. Isso é incoerência do estudante, o ensino gratuito e ele está fazendo campanha pra diminuir o número de aulas, pra juntar as aulas num período só, pra ter a tarde livre, em vez de procurar tirar o máximo daquilo que é dado... Porque se você comparar o número de horas de aulas que temos hoje, diminuiu bastante. Diminuiu por quê? Sempre por pressão do aluno, que quer fazer estágio, quer ter horas livres, quer sair correndo pra ir trabalhar, em vez de aproveitar aqui. Se tivéssemos como naquela época oito horas de aula por dia, sistematicamente,

todos os dias, não se morria por isso, apenas se desligava mais das coisas lá fora. Tinha aula sábado tarde. Desapareceu. E é dato de graça... É incoerência isso, não é? O aluno tem mais assuntos a tratar, por número de horas-aula, muitos assuntos são deixados de lado, vai pós-graduação. E o campo de conhecimento está organizado de tal forma que em 5 anos de ensino não conseguem mais detalhar o suficiente. Quer do fiz a escola, pelo menos 13 matérias que são dadas hoje não eram dadas. Não tinha essas disciplinas aí do curso básico, tudo isso não tinha, não tinha uma porção de coisas.

P: Qual na opinião do sr. deveria ser a relação do governo do estado com a educação?

R: Há uma dificuldade grande pro governo num país como o nosso manter um ensino superior em nível adequado. Vivemos num país pouco desenvolvido, as verbas são precárias, e apesar de estarmos ligados ao ensino, reconhecemos a importância do ensino pro país, na verdade o governo se vê com grandes dificuldades no momento de fazer a opção dos poucos recursos, nós não temos recursos para fazer tudo. E o governante tem que optar por alguma coisa. Essa é a realidade. Nós não temos recursos. E infelizmente, nem sempre os governantes são esclarecidos para sentirem que através do ensino, do preparo das novas gerações, é que nós vamos sair dessa situação. Eles são muito imediatistas, vão ver os problemas de imediato prazo. Isso é consequência inclusive do subdesenvolvimento. A gente tem que se conformar com isso. Esse o grande drama que o governante tem. O pior é que esses recursos poucos são mal aplicados; se eles fossem bem aplicados nós já teríamos saído dessa situação.

P: E quais são as saídas para este impasse?

R: Ita gente lutar contra essa realidade, um dos caminhos é de fato procurar o capital privado, procurar de alguma maneira interessar o capital privado...

P: Mesmo em termos de educação?

R: Vejamos vocês os maiores países do mundo. Lá, as escolas, as universidades dos estados trabalham no lado de universidades particulares, que tem

o seu papel perfeitamente definido. Tem um papel diferente. Tornar a educação apenas uma coisa de caráter comercial, uma forma de ganhar dinheiro, foi o erro. A gente não pode raciocinar nos termos do passado, né? Hoje a vida tá muito diferente.

P: Mas como fica o ensino secundário?

R: Até o curso secundário é obrigação do governo do estado. Por que aí não pode ser seletivo, então é uma obrigação do estado. Sinceramente eu acho muito difícil de tirar do governo a responsabilidade pelo ensino secundário e primário.

P: E por que o de nível superior não deve ser de responsabilidade do governo?

R: Porque por mais que vocês queiram, o ensino superior sempre terá que ser seletivo. Não pode deixar de ser. Não existe alguma seleção. Se você pagar toda a população do país para fazer ensino superior, tumultua a vida perdendo o próprio sentido do que seja ensino superior. A questão é saber como deve ser feita a seleção. Eu conheço bem o ensino na Rússia. Eu vi bem como lá é muito mais seletivo que aqui. Isso garante a vocês. Acho que o ensino superior, por ser seletivo, deveria ser pago.

P: Por quê?

R: Já que o governo não consegue dar oportunidade para todos chegarem ao ensino superior, iniciar essa seleção como consequência das deficiências do ensino secundário, então aí peço a ser injusto o ensino gratuito. Se só aquele que tem condição financeira chega ao curso superior, se ele pode pagar durante o curso secundário todo, depois de chegar no superior não paga mais? Isso não é lógico!

P: Mas ele paga de forma indireta, através dos impostos.

R: Não é ele que está pagando, é a coletividade. São todos. Inclusive ele, mas então fica muito mais diluído.

P: Mas aqui no Brasil já se faz até seletivo do 2º grau...

R: Aí é que está. Na minha opinião, acho que seria muito mais normal que não tivesse, que o 2º grau fosse inteiramente aberto, que o governo cuidasse inteiramente dele, e que deixasse um pouco o ensino superior.

P: Mas então, no fundo, o sr. é contra o ensino gratuito?...

P: Veja você, o ensino gratuito como a gente tem aqui, desorganizado, acho até que é consequência de todo o subdesenvolvimento, o ensino gratuito como se quer ter aqui não existe em parte alguma. Não existe em parte alguma ensino superior gratuito assim. Na Rússia por exemplo, o ensino é gratuito mas depois que o aluno se forma, ele tem que trabalhar 3 anos de graça pro governo.

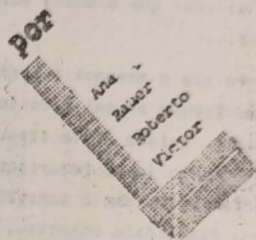
P: E qual seria a causa desse subdesenvolvimento que o sr. falou?

R: É difícil dizer a causa. Mas não há dúvida que um caminho para sair disso é a educação, mas a longo prazo. O que teria que ser uma educação... Esta que se está fazendo aqui, essa não vai resolver. É educação para a massa... Não é formando melhores engenheiros, melhores profissionais, melhores filósofos, que vai nos tirar do subdesenvolvimento. Precisamos é a massa. 100 milhões de brasileiros estão aí improdutivos, não fazem nada. Tudo é consequência. Se nós não produzimos como é que a gente pode ter uma política

econômica?

P: O que o país tem de fazer para sair dessa fase de subdesenvolvimento?

R: Acho que o caminho para a gente sair seria dar possibilidade a todos os brasileiros de trabalharem igualmente. O Brasil é o país do subemprego... Analfabeto, vem de lá de um lugar perdido no mundo, não tem capacidade de julgamento nem um, se nós queremos sair do subdesenvolvimento nós precisamos de trabalho. Precisamos trabalhar todos, precisamos botar todo mundo para trabalhar... 100 milhões vegetando... Já pensou o que é 100 milhões de habitantes? O que isso representa como força de trabalho ativo?



Um dia procurou e achou:

- E com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizaram a sociedade e a economia brasileira.
- Os antigos donatários das capitanias serão cada vez mais subordinados a governadores nomeados pelo rei.
- Pelo isolamento em que viviam os colonos e a debilidade de uma administração longínqua e mal representada aqui por donatários indiferentes por tudo quanto fosse a percepção de proveitos pecuniários, explica-se...
- "Não planto um só pé de mandioca para não cair no absurdo de renunciar à melhor cultura do país pela pior que nele há"
- Com o domínio espanhol começaram as restrições ao liberalismo. Portugal independente não somente manterá a mesma política mas a tornará mais severa. Somente algumas potências obterão certas facilidades, mais ou menos impostas ao soberano português que apenas ascendera ao trono e ainda não se consolidara nele.
- A primeira companhia privilegiada é estabelecida no Brasil em 1547. Notemos que seus participantes segundo declaração expressa da lei de concessão, são da "nação hebreia"
- Que ao liberalismo do passado substituiu em regime de monopólios e restrições destinadas a dar maior amplitude possível à exploração e aproveitamento da colônia e canalizar para o Reino o resultado de todas as suas atividades.
- * Foi rápida a decadência da exploração do pau-brasil.

AH AH AH não se conteve.

Concluiu brilhantemente. A história é, na mão dos homens e mulheres, essencialmente reacionária. Retrógrada. Para se aprender basta abrir os olhos e enxergar.

Esquecer tudo. A essência está aí.

Os cegos, infantilmente, protestam.

Não ligava. Era um revisionista Nietzscheano.

Bravava: Minha vida é um contínuo "ir e ser". No tempo não existe volta.

Somente assim se vive eternamente. O espaço é marda.

Era um anãozinho grotesco, horrível. Esse Ludwig Tiziu.

Descendente de uma nobre família de escravos da Etiópia.

Andava emagrecido. Lendo tudo, percebeu que mais vale ser rico, bonito,

inteligente e com saúde do que um fudido com QI de anaba.

Descorreu tudo em um Deus qualquer. Mostrou o pintão para todo mundo.

Anarquizou com a política. Cansou-se.

Até que um dia, encontrou Chica Marxuse.

Sobre ela pouco se sabe. Não articula uma palavra há anos.

Lingüagem como forma de repressão, formalização e papo furado. Protesto.

Ludwig olhou para Marxuse e não tocou. Tiziu olhou para Chica e ganhou.

recíproco.

Sem palavras. Emoções. comoções. Somente olhares.

E os cegos continuam protestando.

Como são infantis esses cegos.

BICHESIO

Para escapar à alienação da sociedade presente, há um jeito: fugir para a frente: toda linguagem antiga está imediatamente comprometida, e toda linguagem fica antiga a partir do momento que se repete. A linguagem eucrática (a que se produz e se expande sob a proteção do poder) é estatutariamente uma linguagem de repetição: todas as instituições oficiais da linguagem são máquinas repetidoras: a escola, o esporte, a publicidade, a obra de massa, a canção, a informação repetem sempre a mesma estrutura, o mesmo sentido muitas vezes as mesmas palavras: o estereótipo é um fato político, a figura maior da ideologia. Diante dele, o Novo é o gozo". (1)

Desde o início, a estruturação interna do CRUSP organiza-se de forma independente: A primeira geração de invasores, juntamente com as massas militantes do movimento e as gerações posteriores, comemoram o aniversário da luta pela moradia estudantil dentro do campus. A partir de 8 de novembro de 1979, nossa organização independente (como independente é o próprio movimento, isto é, distante das garças da burocracia) optou pela formação de comissões. A realização das tarefas exigidas possuem saldo positivo. Portanto, o CRUSP está de parabéns e a Comissão de Imprensa manifesta publicamente a conquista.

"A Fera do CRUSP" traz, em seu jornalismo alegre e irreverente, o autor do livro "Apocalipse" da Bíblia. Parodiado em sua profecia, seu João, que anuncia a queda da Babilônia, é apontado como o principal responsável pela transformação do nosso CRUSP em "moradia de demônios e guardião de toda ave impura e odiada". Encontra-se, ainda, em "A Fera" um sub-título brincalhão e convidativo, anunciando que "quem gosta de comer bacalhau pode pintar no 508-fundos". Realmente, os "quituteiros" do 508 são especialistas nessas funções. Prepararam apimoradamente um Bacalhau à la francesa, onde todos comemos, saboreando gostosamente cada uma de suas partes, dos pés à cabeça. Por falar nisso, por onde anda o Bacalhau? Escondeu-se na Polí ou na Física? Bacalhau! Bacalhau! não se aveche não, mas... à la francesa é gostosa demais!

A cúpula nazista está presente: Goering, Himmler, Keitel e Hitler. "Eu ouvi o barulho e senti o cheiro de repolho vindo do seu lado!" "Tsk, tsk..." "Seu safado! Aproveitou o blecaute... Sua mãe nunca te ensinou, é?" "Pô meu, juro que não fui eu! Faz mais de uma semana que eu não como xucrútis..." Realmente, "1 (um) Peido no Escuro, O Jornal do CRUSP" em sua segunda edição mostra que veio e veio pra ficar.

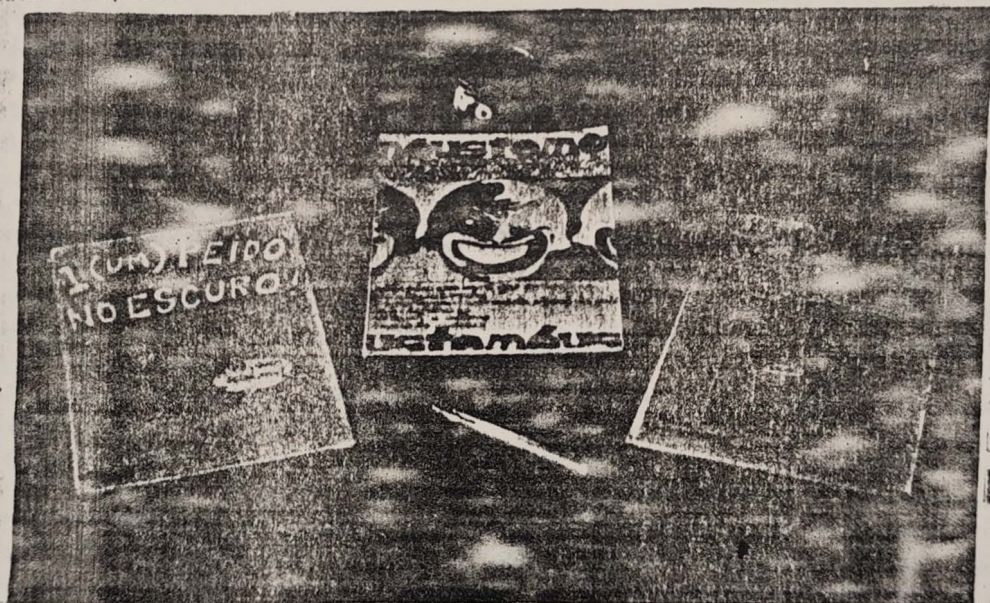


Foto de Luis Carlos Mezzos

As coisas mudaram muito por aqui desde a tomada, porém o CRUSP continua sendo alvo de chavões e preconceitos. Dentro da Comissão de Imprensa, tais agressões repercutem anacrônicas. Em nosso "1 (um) Peido no Escuro, O Jornal do CRUSP (nº 1)", elas não foram esquecidas. Encontraram, pois, "calor humano" e disposição ao debate. No primeiro editorial, "Xega Mais", abordamos esse tema realisticamente: "Lá na minha escola o pessoal do centrinho falou que o CRUSP é uma penelinha, que não tem estudante necessitado lá, é só vanguardinha!"

"A Fera do CRUSP", na página três, revela o clima de temor ante a estrutura burocrática da Universidade. A ilustração retrata o dragão da burocracia com seus enormes olhos hostis e narinas fumegantes, lançando-nos o fogo ardente de ódio aos invasores. Nesse irônico clima de temor, as críticas dos estudantes da moradia ao desvirtuamento das reais funções do bloco A: "Durante onze anos o CRUSP tem sido moradia da Diretoria Executiva do Estado de São Paulo, do Projeto Rondon..."

Tanto essa afirmação é verdadeira, que até mesmo um atentado terrorista não nos fizeram calar. Não pouparamos esforço algum, denunciando de imediato o bombardeamento, na Ciências Sociais, da festa do CRUSP que lá se realizou. E, novamente, "O Jornal do CRUSP" representa, como instrumento, essa arma de denúncia. Juntamente com as palavras de ordem "por áreas verdes e espaço de lazer" e "pela autonomia sobre o campus" - tentavam roubar-nos, perto das "colmeias" da Letras, o espaço entre os blocos D e F -, despendemos críticas à atuação do policiamento à entrada do campus e sua importância na localização dos terroristas ovadis. Certamente, foi um jornal lacrimogênico, coerente com o esturruco que se lê sob "O Jornal do CRUSP (nº 2)": EDIÇÃO HUMBARDEADA.

Ser, ao mesmo tempo, aberto à participação dos alunos da Universidade e, por isso mesmo, polêmico, esse número lança-se com algumas outras características. Um dos aspectos a ressaltar, consiste no espaço conquistado pelos artistas gráficos e poetas. As ilustrações são conjuntos tônicos absorvidos pelo jornal, em

quanto que as poesias vagueiam soltas no seu interior diagramadas livresmente, a desenhar o todo contuendístico desse número dois.

O fundador da PLURAL, em entrevista concedida à revista venezuelana IMAGEN, comparece nesse número. Em seu depoimento, Otávio Paz narra sua experiência juvenil entre cosmopolitas e telúricos. Declara a falência do atual modelo de modernidade da Espanoamérica e Espanha. E, ao final, exige de nossos pensadores políticos "uma visão social e política que integre nossa tradição e na qual possamos nos reconhecer".

A identidade cultural de nosso jornal polemiza temas que suscitaram e ainda suscitam amplas discussões e aprofundamento. "A legalização do aborto" da Comissão Cultural do CRUSP, "É impossível morar no CRUSP?" de Luis Preto e "Prostituição" do Grupo Feminista "8 de Março" desenharam o perfil dessa identificação do luta, pela moradia estudantil.

Essa identidade cultural com o jornal mantém-se válida, soberana. A anti-exemplo daquilo que ocorre em outro modelo de imprensa, a alternativa sugerida por temas abordados na forma de artigos, sobrepoem-se a novos outros. Como num processo de repetição, sobreponemos cada um dos temas abordados que melhor suprir um destaque anterior, até encontrar a saída, o desfecho inusitado, o artigo-tema chamativo, atual. Este condena a posterior a perpetuar certa linha de coerência, dentro do nível da esfera da anterior. Assim, no centro de muitas mudanças, as discussões levaram a outros campos, não menos importantes. Dentre os de abrangência das reuniões, decidiu desnudar-se a partir do próprio nome. Que na elaboração aberta do jornal, a Comissão de Imprensa, neste e em todos os demais números futuros, possuiria o nome que retratasse aquele momento jornalístico. Dessa maneira, o desenvolver das técnicas de montagem descobre a magia da composição, resultando em diagramar livremente o corpo do jornal.

Numa perspectiva realista-jornalística, os artigos devem compor um certo todo, onde o conteúdo seja uniforme e coerente entre si. As editoriais surgem desbravadoras, desacreditando a idéia de que fazer jornal significa amontoar um conjunto de artigos, desconexos, sem eixo, esdrúxulos. A Secretaria do CRUSP ganha seu próprio espaço; às poesias, "Macos de Ruvea" cai-lhes como luvas de pelica em mãos aveludadas de tigresaiem "Universidade", o assunto do dia retrata realidade de todos, universitários, docentes, servidores; além de possuir um comentário, encarregado de enlaçar o conjunto de artigos sincrônicos, expressando a posição da Comissão sob a forma de editorial.

"Basta de jogos de palavras, de artifícios de sintaxe, de malabarismos formais". Os protestos surrealistas provocam os tempos, e suas idéias tornam-se componentes da história. Em "Carta aos Reitores das Universidades Europeias", A. Artaud ironiza a fábrica de dar diplomas de Espírito, "a vossa lógica do dois-e-dois-é-quatro" e detona verdadeiras bombas a "vossos sistemas emboladores". E acrescenta, ainda, que devemos encontrar a grande "Lei do coração"; a Lei que não seja uma Lei, uma prisão, senão um guia para o espírito perdido em seu próprio labirinto; "além daquilo que a ciência jamais poderá alcançar".

A arte de debater temas controversos alcança novos horizontes e a masonha ainda representa enorme tabu em sociedades conservadoras. Acompanhando os aconte-

cimentos universitários, "EMBUETE, O Jornal do CRUSP (nº 3)" mobilizou alguns repórteres que acompanharam a luta pela descriminalização da masonha. "Malucos pedem paragem" marca o momento da articulação; o tabu pressionando a estrutura social. Para alguns, o grito de alienação. Para outros, que opõem-se a chavões o momento histórico brasileiro; a transformação revolucionária axoral, significativa, louca.

A controvérsia representa hoje muito mais que imaturidade, insensatez. No plano histórico político-social, esta atinge à polémica. Todos os grandes teóricos revolucionários foram e são polêmicos, e encaram a polémica como componente da praxis revolucionária. Arrigo Barnabé alcança, na música, que representa seu campo de atuar e produzir, sua linguagem, um espaço isolado. Não é preciso levantar a pergunta de quem exerce tal lugar, bastando acrescentar que em sua criação ele é "mórbido porque todos se atemorizam ante a tétrica idéia da morte".

"Guitar medo, gritar men" de Luispreto Mendes aborda o polêmico e controverso Arrigo Barnabé. Se a fotografia de imprensa é uma mensagem (2), a música, em sua linguagem de manifestação e expressão, simboliza a mensagem envolvida na estrutura artístico-musical. Desse ponto de vista, enquanto negação a outras manifestações, a arte representa um questionamento revolucionário do real. Todo aquele que a conquista e a manipula como novo instrumento de expressão, é revolucionário. A dodecafonía, portanto, revoluciona a música popular, com seus lances ritmicos e seu jogo de inversões: a tersina é produto acabado, sobreposto ao caminho da criação.

O desabafo político persiste. Xaveco lança uma resposta incisiva à Diretoria do DCE, assinando "A luta continua". Enquanto que, em tom irônico e maluco, "Bom dia América, aqui fala o alucinado Juvenal Neto", assinada pela própria alucinação, descarta tendências paráliticas e a "esquerda esclerosada". "A burrica é irreversível", acrescenta, "mas isso não quer dizer, que nós também tenhamos de pensar em ritmo de tartaruga, vamos em frente, o que importa é a qualidade..."

Luis, Roberto, Xaveco, Spuny, Kloiza, entre outros, são apenas nomes. O conjunto desses nomes e dessas cabeças movem-se e complementam-se na incrível arte do jornalismo. Fazer jornal representa, para muitos, o pico, um "orgasmo total". Para outros, o momento saudável a seus anseios intelectuais. De qualquer forma, o CRUSP completa e comemora seu primeiro aniversário. A Comissão de Imprensa acompanha as lutas da Universidade, seus movimentos e avanços, além de cumprir outra difícil tarefa: a de porta voz da luta pela moradia estudantil. Parabéns!

NOTAS

(1) Barthes, Roland in "Prazer do Texto"

(2) Barthes, Roland in "A mensagem fotográfica"

Luis Carlos Mendes

Sem sombra de dúvidas, a presença mais marcante naquele primeiro dia de aula foi a morena lindíssima, toda vestida de negro e com os cabelos soltos sobre os ombros.

Nas aulas seguintes foi se concretizando a ambientação do pessoal, mas eu por minha vez ainda estava muito inseguro, o que aliás é uma característica do meu signo.

Por falar em horóscopo, devo dizer que isto é alguma coisa que me atrai muito e sempre que tenho em mãos um jornal, esta é uma das primeiras ações a que meus olhos, e que sabem mais que isso, se dirigem.

E foi num desses dias que lendo meu horóscopo, me dei conta dessas palavras: FUTURO: brilhante, desde que você se esforce superando todas as dificuldades que o destino lhe impõe, com fé e perseverança.

Mas afinal, como poderia eu, estudante universitário, cidadão de viver sob uma ditadura militar, política, econômica e que talis, acabar lendo horóscopo, que todos sempre tiveram como uma charlatanice de primeira? E ainda mais, como crer nesta velha história de destino, contada e recontada pelos velhos, no mais das vezes frustrados com o que a vida lhes proporcionou?

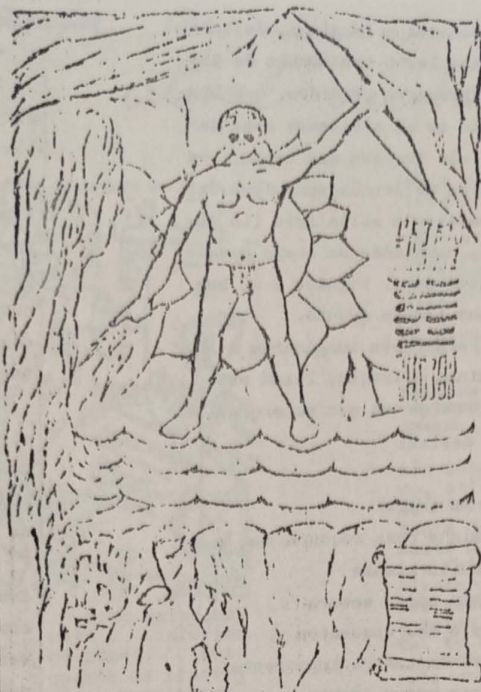
— brilhante, destino, fé e perseverança.

Na terceira ou quarta aula de inglês, eu notei que uma distinta senhora, observava-me com certa insistência. Não dei muita importância a isto, visto que meus olhos ainda estavam enubriados pela marcante presença da moça morena.

— Comment tu t'appelles?

— Je m'appelle Juruna.

Se há algo de que muito me orgulho, é este meu nome, que além de trazer consigo um certo digamos "carisma nominal", traz também a imediata lembrança dos irmãos índios, vítimas



COMMENT TU T'APPELLE?

entre tantos, dessa sede de capital, que tira aos homens no mais das vezes a sua condição de ser racional e solidário.

A senhora baiana, que não tirava os olhos de mim, chamava-se Verônica, e possuía dentro os seus dotes, dois seios que numa certa aula me chamaram bastante a atenção talvez devido a Édipo, que como pude ler nos livros, demora a abandonar certas orlaças, que quando se dão conta já são adultos e às vezes até estudantes universitários que urtem embora com desconfiança, nos horóscopos diários de conceituado jornal liberal.

A estas alturas, eu estava trabalhando na Universidade, ganhando pouco mais de dois mil reais mínimos, que como o próprio nome diz, só servia para as mínimas despesas de alguém que, como eu, considera o teatro muito caro, não para quem assiste, mas sim para mim que perdi alguns espetáculos muito badalados, por pura falta de capital de investimento em cultura, que quando havia, era desviado para uma copos de vinho, que não era dos bons, mas bastava para afogar o ar de malogro que a gente traz em certos dias, mais existencial-

ainda do que factual.

Mas o fato era que há alguma tempo eu começara a sentir a necessidade de possuir.

Desde que eu tivera que voltar ao lar materno (por motivo de força maior), novamente as noites tornaram-se monótonas e difíceis de serem vencidas, visto eu apresentar de longa data um pequeno mal que os médicos chamam de insônia, mas eu considero mais como uma crise entre a razão e a imaginação que procura se manifestar livremente, mas é reprimida pela dita consciência do real, e o pior é que a vítima sou eu, que perco longas horas de sono e acabo dormindo até muito tarde no dia seguinte.

Ah, mas eu estava me esquecendo de esclarecer algo: a Universidade apresentava-se em greve, mais ou menos por volta do período em que o filho pródigo aqui batera ao lar materno: daí eu poder me dar ao luxo de permitir entraves burocráticos entre a razão e a imaginação e a consequente queda do bendito sono.

Isso começou a me preocupar mais seriamente, diante das inúmeras avisos maternos de que eu estava muito magro, muito abatido.

Mas como resolver este e outros tantos problemas que se me apresentavam?

Ai que sempre fora um bom aluno e no entanto estava em II em duas matérias e com pouca vontade de estudar.

A Universidade ainda continuava parada, o que me agradava, pois além de não ter que assistir as aulas, mostrava que os professores tinham uma desculpa para a pouca atração que despertavam nos seus alunos, qual seja os baixos salários e também demonstravam mais uma vez que união é força e só assim conseguiriam melhores condições de vida e quem sabe, de ensino. Por outro lado, o meu bolso já estava a zero e me

no tempo que o já referido desejo de possuir voltava a bater em minha janela.

De a longo tempo eu tinha vontade de aprender outros idiomas, talvez por puro colonialismo cultural ou então por um desejo de acender na vida, o que me causava dores de consciência, pois como poderia alguém com preocupações sociais querer melhorar de vida, dentro de um sistema cujo único valor é o capital, isto é, fechar os olhos no que está em volta e seguir pisando em busca do almejado conforto material, a que convinhemos todos têm direito.

Alguns de vocês, leitoras mais conscientes (de esquerda), dirão que a única maneira válida de melhorar as condições de vida no atual contexto social, seria através de um engajamento político, no que eu concordo plenamente; mas isso não resolve o meu problema, pois não era de meu interesse me engajar em alguma tendência estudantil ou qualquer outro movimento, sem possuir alguns "confortos" que me permitissem melhor analisar o quadro social existente.

Vou tentar me explicar melhor, dando-lhes um pequeno exemplo, através do relato de um episódio que me ocorreu, durante um conflito costumeiro entre a "consciência do real" e a imaginação:

"Fazia muito frio naquela noite e depois de ter bebido um ma garrafa toda de vinho num barzinho aqui perto de casa, frequentado quase que exclusivamente por estudantes, eu me sentia muito pobre como pessoa, pois além de não conseguir afoagar os males que me afligiam, ao chegar em casa notei que meu coração vagabundo ainda continuava vagabundo, sem uma companheira; que os meus últimos trocados tinham se exaurido com o vinho; que não havia muitas condições d'eu estudar tendo que trabalhar oito horas por dia e, enfim, que a maioria dos frequentadores do barzinho tinham um automóvel à porta e saíam em lindos pares jovens com longos cabelos encoracolados e aparente alegria de viver.

Comecei a imaginar, deitado em meu leito tentemunho de tantos prazeres perdidos, que bem seria se eu estivesse numa casa, não luxuosa mas ampla, em Campos de Jordão ouvindo Tchakovsky, com muito frio (lá fora), abraçando um corpo quente e quem sabe, regados a um bom vinho também quente.

Para vocês imaginarem melhor a minha situação, leiam este pequeno poema que eu escrevi um dia destes:

sem querer
minha coxa roçou a sua
muito quente
seu corpo estava
e o meu esquentou
minha cabeça impaciente
meu corpo tremou
e o seu,
mais quente
até que chegou a hora
de você descer
e eu sozinho
dentro do ônibus
numa noite fria.

Agora acho que posso clarear melhor a já referida vontade de possuir, que me atormentava naqueles dias. Eu necessitava de melhores condições de vida, sem grandes sacrifícios, pois eu bem sei que quem trabalha jamais consegue o que deseja; como já disse um grande filósofo brasileiro chamado Batastinha: "quem inventou trabalho não tinha o que fazer."

Não desejava e ainda não desejo me tornar um burguês acomodado, mas queria usufruir do grande milagre brasileiro, antes que ele desmoronasse junto com seus criadores.

Ponto tudo isso, uma nova pergunta me atormentava:

Como conseguir capital, sem soltar mão dos ideais socialistas, e sem ter que trabalhar oito horas por dia?



— What do you do?

— J'étudie philosophie.

Sem sombra de dúvidas, estudar filosofia desperta a atenção dos outros, que começam a lhe imaginar um grande futuro, sem nenhuma perspectiva profissional é claro, mas enfim, você passa a ser alguém visto com outros olhos e certa dose de admiração mesclada com desconfiância e pouco caso.

A insinuosa e ainda tão moça marenha do infício, agora já não era nem tão moça nem tão insinuosa, mas ainda mantinha algo de meio sinistro no seu olhar.

Verônica por sua vez, era dentista e estava fazendo um curso de pós-graduação na Universidade, e embora o tempo que estávamos no curso já atingira uns dois meses, seus olhos ainda tinham a minha direção, se bem que de maneira menos incisiva.

Um dia na aula me passou um pensamento, que num primeiro instante eu censurei, mas depois tornou-se mais forte, e não houve como evitar:

Que tal se eu tivesse um caso com Verônica e de alguma forma usufruísse de seu dinheiro, que a esta altura, eu já sabia não ser pouco.

Ah Deus, porque fizeste seres tão óticos!

Enfim, a idéia, devo admitir era ótima, mas ainda havia um último problema de ordem ética, que para alguns talvez seja o menos importante, mas para mim, estudante de filosofia tinha um peso enorme.

Eu sempre vi um problema no fato da esquerda ser tão "ética" quanto a estas questões de capital, mas que mal eu faria ao transar com Verônica que, acreditem leitores de esquerda e de direita, não era de se jogar fora, e como diz Reich, o que importa é o prazer.

Quanto de magia possui esta palavra.

Prazer...

Ela demonstrava querer; eu poderia satisfazê-la no seu desejo, e lógico, teria pleno direito a uma recompensa, e mais, quem tem dá, quem não tem tira.

Nada mais lógico.

Crusp balança a atual diretoria do DCE



Orgão de Informação e debate
DCE-Livre-Alexandre V. Leme

— USP — Nº 5 — JAN — 80
Editorial da diretoria

19/09/79. Nas eleições do DCE-LIVRE da USP, a vitória da chapa TODO MUNDO NO DCE. Um pessoal novo propondo que o DCE se tornasse, na prática, uma entidade que represente o conjunto dos estudantes, levasse à frente uma série de atividades de interesse, dos estudantes, que lutasse por suas reivindicações, aproximando-se mais dos Centros Acadêmicos.

rota do proletariado e campesinato alguns anos após a Revolução Bolchevique de 1917, sob a égide burocrata e traidora do stalinismo de gerando aquilo que se construiu no começo do sonho, o socialismo.

Pouco antes de findar sua gestão cansativa a diretoria do DCE vem-nos brindar com um banho de alegria, chamando para si conquistas e vitórias, numa carta-balanço semelhante mais à propaganda eleitoral, tal o grau panfletário.

BALANÇO

Também em 1979 tivemos a primeira vitória da moradia: ocupação dos 5.º e 6.º andares do Bloco A do CRUSP.

tas, sobre as propostas da Diretoria do DCE com as que foram colocadas em assembleia de USP na frente do restaurante, a qual deliberou invasão do CRUSP: "Invadir daqui a 20 dias, arranjemos primeiro os chuveiros" (Fred) ou, "Vamos juntar nossa força e divulgar mais a luta, invadamos no início do ano que vem" (Nara).

Era o início da reconquista da moradia, completada em 1980 com a saída do Rondon e as reformas para a transformação de todo o prédio em moradia para os estudantes.

ifem não o colocava no ponto de pauta das assembleias, e quando o fez postou-se pelo adiamento dos prazos dados à reitoria para desocupar o espaço tomado pelo Projeto Rondon.

Por outro lado, entendendo ainda não complementada a "reconquista da moradia", pois os prédios do CRUSP ainda abrigam a Letras - para isso há muito colocada a necessidade de mobilização reivindicatória pela imediata retomada da construção do edifício novo ao lado da Ciências Sociais -, museus, instalações da burocracia universitária, citando-se ainda os blocos inacabados.

Resaltamos a atuação da Comissão de Moradia do DCE, fortalecida e impulsionada pela ampla participação dos colegas da Física,

Tudo muito bonito e eufórico no papel, tanto quanto as ilustrações populistas, nacionalistas, inclinações machistas, estereotipação de representantes da moral pequeno burguesa que povoam seus panfletos e cartas programa, reflexo de "um pessoal novo", tão novo quanto a der

.Realmente, em 1979 grande foi a vitória na luta pela moradia estudantil, mas graças a outras vitórias, es

Se o Projeto Rondon deixou o Bloco A, não foi sob pressão da Diretoria do DCE "comandando o movimento", pois esta, desprezando o

Os colegas da Física também ressaltam a atuação da Diretoria do DCE, sintética - mente bem expres

sada no 19 boletim após a invasão: "Desde o início sentimos a necessidade que esta luta fosse encampada por nossa entidade representativa e por isso foi constituída a Comissão de Luta pela Moradia Estudantil do DCE".

"Contudo, o que se observou durante toda a luta foi uma postura omissa da Diretoria do DCE, a qual só compareceu às assembleias, onde atuava ativamente no sentido de frear a luta".

Depois, a luta é para a reforma do Bloco F, já parcialmente ocupado por alguns colegas.

Tal é a desinformação da Diretoria do DCE no que tange à moradia que o Zico ainda,

não sabe estar o Bloco F literalmente ocupado, aliás, a revelia deles, os quais tacharam de "irresponsáveis", os tais "alguns colegas", tanto do Bloco F como do 19 e 29 andares do Bloco A, pelo simples fato de sua carência tê-lo feito perder a paciência de esperar que a Diretoria encaminhasse a questão ao conjunto dos estudantes, o qual deliberaria os rumos a serem seguidos, direcionamento este correto, se fosse efetivado.

Ainda este ano, duas providências serão encaminhadas: a) elaboração de um Estatuto da Moradia e b) reestudo e classificação - por necessidade - de todos os candidatos à moradia.

Ainda este ano, duas providências já foram encaminhadas: a) A elaboração de um Estatuto da

Moradia se está fazendo pela Comissão de Estatuto, baseando-se de um esboço por nós apresentado, o qual, depois de pronto será referendado ou não por assembleia do CRUSP, colocando-o daí à apreciação do conjunto dos estudantes da USP. b) - Está sendo encaminhado o estudo e classificação pela comissão de seleção, a qual distribui na semana do dia 27/10 as convocatórias para os necessitados em morar no CRUSP preencherem uma ficha para depois serem entrevistados pela comissão de seleção, dentro dos critérios sócio econômicos.

E no que tange à outras questões colocadas durante a gestão Todo Mundo no DCE, pertinente às lutas estudantis e operárias e seu encaminhamento político por parte da Diretoria?

Seria necessário alinhar uma série de observações e levantar outros tantos pontos para esboçar-se uma análise-resposta a nível de documento, espaço esse que o jornal não tem, por falta de grana para se fazer uma edição mais volumosa, mas cabe aqui no amplo sentido da palavra: POR QUE a Diretoria do DCE se colocou durante toda a mobilização grevista por mais verbas intervenções pelo fim da greve, não compreendendo sua utilização como instrumento político, propondo velhas formas de mobilização já fracassadas? O QUE a Diretoria conseguiu com isso? Dividir o movimento, expondo-o ao fracasso, como ocorreu, pois nada de positivo espera a USP, concretamente, quanto verbas e RESTAURANTE, este, uma perda que reflete o imobilismo da Diretoria face a aliança às "Reitorias Progressistas" espelho do que defende na sociedade, abrigando-se sob a sigla PMDB numa ampla frente com a burguesia opositora, onde tenta-se cooptar, sob a direção da pequena burguesia a classe obreira, desarmando-a, privando-a da independência de classista, esquecendo os recentes exemplos do CHILE e da BOLÍVIA, para não citar inúmeros outros marcos da derrota do operariado na História da luta de classes, quando iludidos por posições reformistas e stalinistas.

1980: - Operários poloneses levantam-se contra a BUROCRACIA do Estado operário, degenerado.

- Há 40 anos era assassinado pelo stalinismo LEON TROTSKY, o fundador da 4ª Internacional, o partido internacional do trabalhadores, defensor da independência de classe dos trabalhadores, pela conquista de uma sociedade mais justa, O CONEJO DO SONHO, O SOCIALISMO, o início da LIBERTAÇÃO do HOMEN e da MULHER.

SERGIO CAMPOS.
RITA DE CASSIA PAULA.

- Pela reabertura do RESTAURANTE

Incesto

Sou noiva de um Franquestem
De nome Franque de Assis
De fato Gandhi
Escreve-me, descreve-me como Tan
Fernando, Pessoa Gaivota de Platão
Nũ, alto, perto de Bach
Perto de cã
Verbo de Pantaj Li
Sou virgem pra um Franquestem.
Ai! istem.

Rosemar

a mulher amada: violência com

meu berro

vai saindo

ainda assim

o sangue

:teus olhos vazados

teus seios rasgados

e era desnecessário

: a sem-sangue-morte por veneno

800903

Bruno S.

BREVE BIOGRAFIA

E entre exegetas ortodoxos e marxistas
perdi as cuecas brancas do idealismo
Clandestino tomei livre trens escuros
e em bairros tortos desci - Eu

O engolidor de facas filosóficas
Mastigador de giletes políticas
garefe dos próprios quixotismos
um por um até a luz da maturidade

Desencontrado de ilustres conselheiros
encontrei batatas quentes e amigos sinceros
e acendemos a luz na encruzilhada.

Perdemos a fé nas trajetórias retas
As curvas povoaram nossos horizontes
O caminho passa por muitas estradas

PELLEGRINI

(ESQUECI SUA CARTA NA ESCRIVANINHA, E FUI VIAJAR)

Naufraguei nesse copo
que as lágrimas transbordaram
de tanto eu navegar em teu corpo

eu subi um morro

(mando um monte de beijo pra ti)

olhei pra cima, e tinha tanta luz me atrapalhando a vista

(queria passar a língua no alto da sua boca)

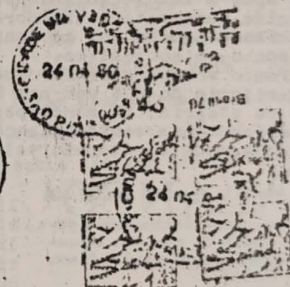
lá em cima, deitei meu corpo pouco vestido no capim seco, era
roupa demais. Esperei a chuva, e ela não veio. Sacudi a cabeça,
vesti-me — era tirar o dinheiro do bolso e pagar a conta — desci
o morro — que não passava do banquinho manso de um bar de
esquina — e com todas as velas abertas alcancei seu porto-portão,
fui miar rouquenha pro mar que escalda tua janela, que
escorre pelo meu corpo.

belonave vi chegando, beloporto passando,

bela/mente adormecendo nos canteiros / da cidade
/ dessa vida

11/7

THEREZA POZZOLI



pai padrão (I)

após a perda
do cabaço
expulsou sua filha
de casa

como quem vomita
veneno
durante a digestão

GIJO

1º ENEB - ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIOLOGIA

Realizou-se na primeira semana de setembro de 1980 em Belo Horizonte, o 1º Encontro Nacional de Estudantes de Biologia que contou com a presença de 48 escolas de 17 estados brasileiros.

Desde 1978 os estudantes de biologia vem se reunindo tentando organizar suas escolas, mas devido a inúmeros problemas, tal projeto não havia ainda sido realizado.

Após a regulamentação arbitrária da nossa profissão houve uma tomada de consciência mais geral em relação à gravidade da situação, a de uma classe desunida.

Foi desta e de outras lutas que surgiram as reuniões nacionais de estudantes de biologia (ENEBs), que procuravam dar uma orientação ao movimento que então se esboçava.

Finalmente, depois de 6 meses houve um avanço no encaminhamento dos trabalhos, que culminou com o encontro realizado.

No ENEB discutimos temas que nos tocam em termos profissionais e estudantis. Também conseguimos uma importante troca de informações científicas e um bom intercâmbio cultural.

Todas as discussões nos levaram a compreender melhor o que ocorre com a biologia dentro do momento político pelo qual passamos. Assim, no final do ENEB aprovamos várias moções de apoio e repúdio, indo desde a criação ou fortalecimento de centros acadêmicos à movimentos ecológicos e indígenas, projetos de lei que prejudicam profissionais das áreas de saúde, política educacional e questões mais gerais da sociedade brasileira.

Tendo em mente o crescimento da mobilização da biologia a nível nacional, no final das atividades marcamos o 2º ENEB para julho de 81 e também uma reunião para organizá-lo.

Esta reunião já aconteceu em Piracicaba durante o Congresso da UNE e nela foi criada a Subsecretaria de Biologia da UNE (criação que havia sido discutida e aprovada durante o ENEB).

Mais informações, próximo jornal do Crusp ou direto na Biologia.

QUINZE ANOS!

A UMES ESTÁ DE VOLTA.
VIVA ELA!

Motivo de alegria para todos os estudantes brasileiros, especialmente os secundaristas, é a reconstrução da UMES - União Metropolitana de Estudantes Secundaristas. Depois de 15 anos de arrocho, muito sufoco, os secundaristas se colocam em movimento e, aqui e ali, ressurtem os Grêmios Livres; e num futuro breve a UBES - União Brasileira de Estudantes Secundaristas.

O movimento secundarista foi um dos que sofreu maior repressão em 68. Isto porque mobilizava facilmente uma parcela considerável da juventude brasileira na luta contra os ditadores de plantão. E por que era um movimento que facilmente radicalizava, dada a própria especificidade de seus integrantes. Ou seja, a maioria filhos de classe baixa e de trabalhadoras.

ELEIÇÕES DA UMES

Os secundaristas têm vem acesa na memória, a morte bruta de Edson Luís, em 68, no Restaurante Calabouço, por tropas da repressão, à queima roupa. Por isso, e para assumir concretamente as lutas, que o M.S. coloca, tais como ^{contra a} autoritarismo nas escolas, aumentos das taxas de APM, limite de vagas nas universidades e a tal da nota mínima, bem como a própria luta da juventude por mais liberdade de ser e poder dizer, as eleições à UMES se revestem de profunda importância.

Primeiro, que a realização dessas eleições, tal como foi a do congresso de fundação da entidade, serão um tapa de luva de pelica, na cara da ditadura. Daí porque as quatro chapas concorrentes se empenharão ao máximo na realização das eleições.

Alicerce e luta, formada pelo grupo Alicerce e pelo Luta Secundarista (sozinhos honestos: Alicerce é Convergência; Luta Secundarista é LL) é a favorita. Voz Ativa (Caminhando e Refazendo, apoiada por Resistência) tem chances de vitória. Por trás corre a chapa "Por um Bloco", formada pelos simpatizantes do jornal Hora do Povo.

Entendemos que a reorganização do N.S. não se dá do dia pra noite. Que é um trabalho a médio e longo prazo. Toda e qualquer atitude de querer apressar as coisas redundará, por certo, em possíveis derrotas a esse movimento. Por isso, aqui vai nosso conselho: "SECUNDARISTAS, quem aguentou 16 anos de abúscio nas costas, aguenta um pouco mais e constrói um movimento forte, coeso e unitário, sem idealizações, sem idealizações. VIVA A UMES!".

Julio

CINEMA NO CRUSP

Demorou mas está acontecendo! Todas as semanas, temos cinema no CRUSP.

Tudo começou com a idéia de um Ciclo de Cinema Experimental. No entanto, dada a dificuldade de se conseguir filmes desse gênero e o próprio fato das pessoas que dizem querer transar os filmes, não terem su mexido de fato, ficando a coisa restrita a duas pessoas, o tal Ciclo não saiu.

Porém, pintaram coisas melhores, como a possibilidade concreta e real de passarmos filmes três vezes por semana. Para nós, isso significa na prática, a existência do Departamento de Cinema do CRUSP, ou Comissão, não importa muito o nome!

Atualmente nossa "Comissão de Cinema" é formada por Bicho(502F), Cláudio Alberto(601F), Tigrão(610F), Plávio(502F), Júlia(408F), etc... E você aí, quando vai entrar nela. Nós não exigimos atestado ideológico algum pra isso! Já estamos inscritos na Filmoteca do Consulado do Canadá, da Eca. Vamos providenciar inscrição no Goethe, MIS, e tantas filmotecas quantas existirem, especialmente aquelas dos Consulados dos Países da Cortina de Ferro.

PROGRAMAÇÃO

As assistências, nas três recentes projeções foram aquém de nossas expectativas. Já passamos: "STREET BEATNIK", "CATUOR", "THE RAILROADS", "METAMORPHOSE", e "ESPÓLIO", todos do Consulado Canadense, Da Eca já projetamos: ANTICLINAX, ATO SEM PALAVRA, ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS ou ERA UMA VEZ, e ASSEMBLÉIAS.

Aguardem para ver
Aguardem para breve "Festival de McLaren, um cara que revolucionou a técnica de animação em cinema, "Castelos de Areia", premiado com Oscar de 78, por melhor filme animado, e muitos outros.

E fundamentalmente, traga idéias, faça sugestões. Estamos todas às segundas, quintas e sextas, no Bar-Bárie, 2º andar do Bloco "A", CRUSP, às 22 horas.

Júlia

Ir falar de esporte.

O Diretor do Capousp, último dos mutilados da USP, funcionário eterno, reage, daqueles, é o Coaventura.

Dale já se ouviu "Vai rapar, vai Jau, na ilusão para que eu fuja Justiz". É apoiado por toda a mídia das fábricas reativas cujo lema principal é "O Invertente é Inimigo".

Nas eras já da pessoa se enquadra perfeitamente na direção do esporte da USP. Sabem porque?

Nua país onde esporte é torcer por times de futebol.

Adquirir forma física é su lesar as puladas fia de aeróbis.

Onde a burguesia e classe média propunham (re)educação na USP, por sinal) transa tônico; transar tônico quer dizer fica estande polítrina aqui e acolá.

Onde as menininhas fazem esporte, num puta calor, com calças de apalho, para esconder seu sedentário conversando em colunites e outros bichos.

Onde a escuridão majestosa e fraca (não é por falta de grama, não) se reduz a mazer o corpo. First the Revolution, depois o Apolônio.

Onde a vida é ficar torcendo sol na beira da piscina que nem Jeca.

Enfim, nua país de colonialismo, tecnicismo e pouco acionismo, só pode pitar nua o Coaventura.

Não existe pressão. Nem interesse. Como está preenche.

E a seguintes:

Esporte é alienante, é vivência, é ação social, é auto-afirmação.

Depende do gosto ou da necessidade da freqüência.

Nua que fique claro que este objeto misterioso Mulher-Nova é um modelo animal.

Um abandono das práticas esportivas regulares coloca em risco a estrutura que sustenta nua lindas cachaças.

Seja qual for a justificativa que pueros para não fazê-lo (anulação, ditadura, dinheiro, momento histórico, ...) estamos fora de sintonia.

Na verdade é a consciência humana traduzida em vontade, que permite de nua mentes dizerem o que é necessário e prioritário.

Se a escuridão não pratica esporte tem suas razões. Mesmo que seja ilusão.

Se a burguesia transa tônico tem suas razões. Mesmo que seja hipocrisia.

Se o povo torce por futebol tem suas razões. Mesmo que seja narcofobia.

Tudo isso pode ser explicado racionalmente.

Nua

Nua planeta onde existe um animal que pensa e não sabe se existe. Descartem a parte.

Nua planeta onde esse animal com mais de 100.000 anos de história documentada ainda fala em países, política, educação, sistemas...

Nua planeta onde o Universo é dividido entre esquerda e direita.

Nua planeta onde alguém morre de fome. Normalmente.

Realmente não cabe falar de esporte. Esqueçam, Calorem.

Viva o CO-VENTURA.

Bicho

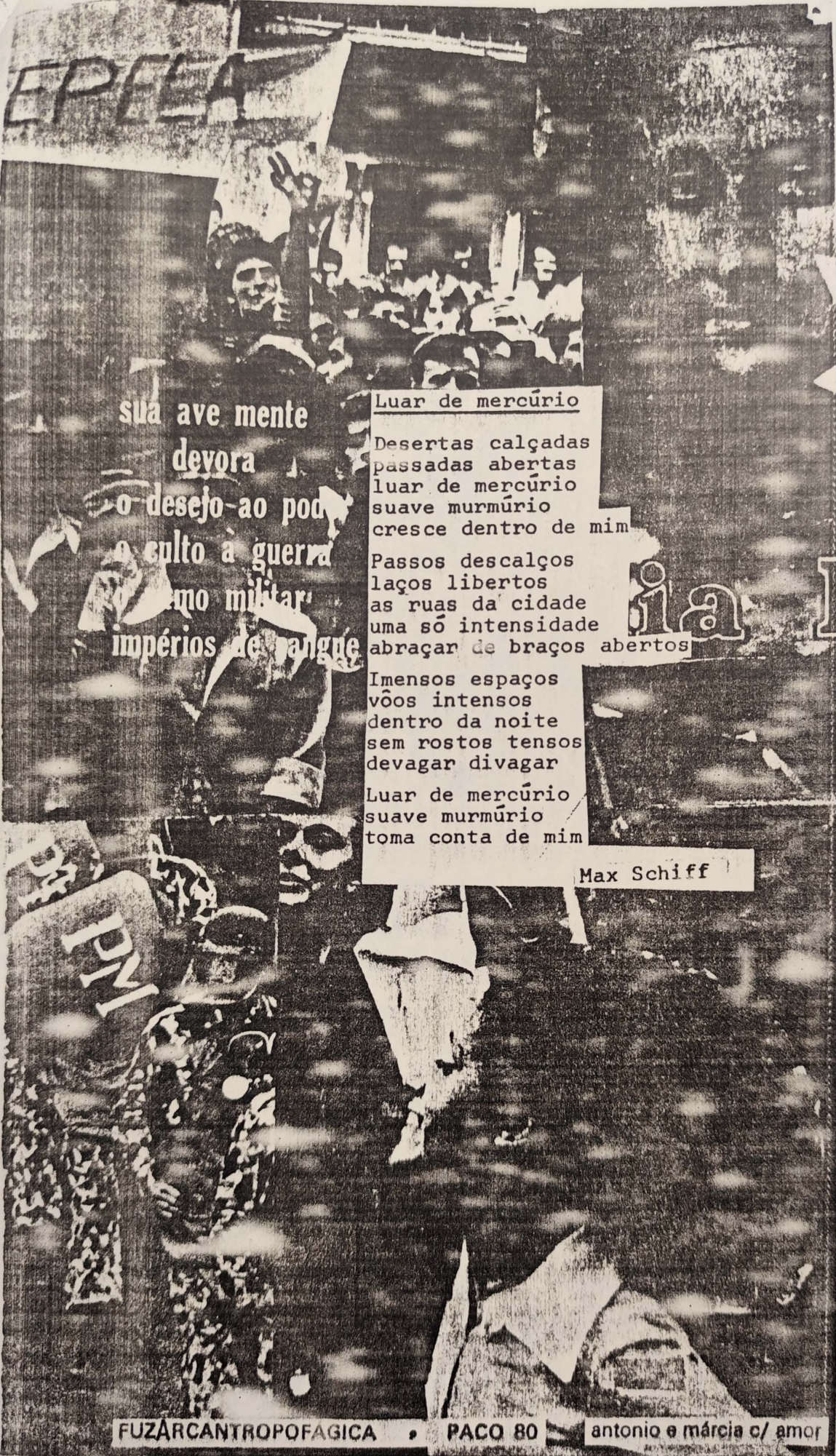
Caro leitor — o assunto de hoje: FECHAMENTO DA UNIVERSIDADE.

Oblivemos algumas informações e as publicamos na íntegra, abrindo um campo de debate, proposta deste Jornal; assim como do CRUSP — um espaço da vivência do estudante.

"Como são os estudantes e os mestres que formam uma Universidade, e são esses dois elementos, que sofrem dia a dia, problemas com um laboratório sem instrumentos, falta de tempo para elaborar uma aula, visto que os salários aos mesmos são insuficientes para que se dediquem a estudos mais profundos, falta de verba para poder manter uma Universidade digna do nome. Visto tudo isso, acho que os estudantes têm direito a fazer aquilo que acham que deve ser feito, porque como já disse são eles que vivem o dia a dia de uma Universidade." TADEU - MACKENZIE

"Teoricamente seria uma forma com bastante repercussão. Porém, além da imensa dificuldade de mobilizar o grosso dos estudantes em torno de tal proposta, uma ação desse tipo seria apresentada pelo regime a população como uma demonstração de má vontade e de irresponsabilidade de nossa parte." CLÁUDIO - FACULDADE DE DIREITO - USP

"Impossível. Não é objetivo dos estudantes nem da comunidade universitária em geral. Tem que ser em âmbito mais geral. Não podem só os estudantes tomarem uma atitude dessa. Sem dúvida haveria uma grande repercussão. Apesar da Universidade ser inadequada com o modelo econômico. Não atende às necessidades do mercado de trabalho. Não cabe no momento uma mobilização para o fechamento da USP. Primeiro é preciso construir uma unidade na comunidade. Eu sei lá. BADDINI - POLI - USP



sua ave mente

devora

o desejo ao poder

o culto à guerra

como militar

impérios de sangue

Luar de mercúrio

Desertas calçadas
passadas abertas
luar de mercúrio
suave murmúrio
cresce dentro de mim

Passos descalços
laços libertos
as ruas da cidade
uma só intensidade
abraçar de braços abertos

Imensos espaços
vãos intensos
dentro da noite
sem rostos tensos
devagar divagar

Luar de mercúrio
suave murmúrio
toma conta de mim

Max Schiff

FUZARCANTROPOFAGICA

PACO 80

antonio e márcia c/ amor

32º Congresso da UNE

Quem foi a Piracicaba, durante o 3º Congresso da UNE, de 13 a 16 de outubro, viu e deve ter saído, não achando nada bom, aquilo que lá aconteceu. A UNE catinha passo a passo à conciliação, visto que as deliberações do Congresso não representam de fato, avanço no Movimento Estudantil.

Foram - a bem da verdade - três dias de festa, um dia de decisões "sérias". Quem foi a Piracicaba viu que na abertura do Congresso, os oportunistas, os eleitores, os traidores, lá estiveram pra fazer média com os quase 5 mil participantes do encontro. Até prefeito do PMDB foi tirar a sua casquinha. E do PT, não faltou um senhor que até falou bonito. Enfim, a abertura foi salva por Lula, presidente nacional do PT, que num pronunciamento forte e contundente arrácou ensurdebedores aplausos da assistência. Diz a-se nos bastidores do 32º Congresso da UNE, que entre a maioria dos estudantes lá presentes, só dava os pró-PT. E tanto, que nem os Horas do Povo da vida, deram as caras. Não se ouviu, em nenhum momento, qualquer alusão a apoio

a todos os partidos de oposição indistintamente, como apreço aos imobilistas e centristas do M.E. da linha Caminhando, Refatendo, Hora do Povo, Convenção, Unidade e Resistência.

NÃO DECIDIU NADA

A realização do 32º Congresso da nossa entidade máxima, era palco privilegiado às decisões de peso do movimento estudantil. No entanto, as derrotas ao M.E., começaram cedo no Congresso. Já na primeira votação, em cima de uma questão de encaminhamento, deu pra sentir a tendência dos 2600 delegados presentes.

Na decisão mais importante do Congresso, referente a que forças de luta travar, durante o próximo semestre e no final deste, venceu a proposta que defendia que, cada escola fizesse o que pudesse pra barrar os aumentos. Isso, contra a proposta que defendia boicote nacional unificado, com comandos de luta, em todos os estados. As tendências e a diretoria da UNE que defendiam a proposta suicida para o M.E., "do laíre-faire", podem levar, na prática, a uma derrota violenta o nosso movimento. E por quê? Porque eles se negam a traçar eixos concretos de luta. São direção de movimento e, na hora que os estudantes precisam deles, se negam a encaminhar lutas de peso.

As derrotas no Congresso se sucederam até o seu final, na manhã de 17 de outubro. Quando no Congresso da UNE, os estudantes deixaram de optar pela greve geral até a vitória, por tempo indeterminado, deixaram os estudantes num beco sem saída. Para barrar os aumentos e o ensino pago, os companheiros decidiram-se por um DIA NACIONAL DE LUTAS, no momento que o parlamento estiver votando o orçamento da união à educação. Ou seja, estes colegas deviam ter a mente e a memória curta. Não se lembraram que em setembro houve uma greve nacional de três dias, sem um bingo de convocação. E nela, um milhão de estudantes mostrou sua disposição de luta. E agora, o que fazer?

RESUMO

32º Congresso da UNE terminou suas deliberações, decidindo por oposição tática de votos, a Filiação da nossa entidade máxima à UIS e à OCLAR. Vocês sabem que siglas são essas? O que significam de fato? Não! Pois não se assuste. Nem os próprios delegados lá presentes o sabiam. UNE é União Internacional dos Estudantes, com sede Praça, na Tchecoslováquia, controlada politicamente pelo todo poderoso PC da Rússia. A OCLAR, Organização Continental Latino-Americana dos Es-

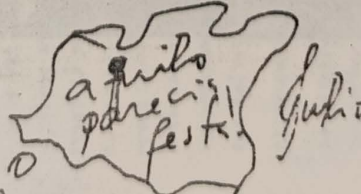
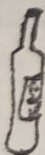
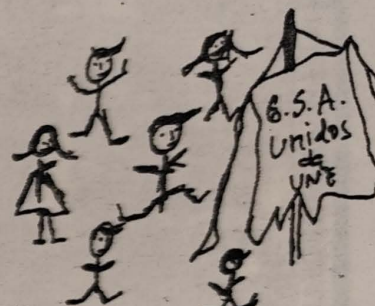
Decidir

o quê?

tudantes, com sede em Havana é controlada pelos fanáticos de Fidel Castro. Precisa explicar mais. Quero ver como a atual diretoria do DCE-USP vai explicar essa filiação às suas bases. Ou vai impô-la, como é de sua praxis.

A primeira votação importante do Congresso foi eleição em congresso x urnas. Vencedora a proposta de urnas, em cima duma demagógica demonstração de força a ditadura via votos, ao final do encontro, foram anunciadas as chapas concorrentes a diretoria da UNE, nos dias 12 e 13 de novembro. Esqueceram nos companheiros da proposta em urnas que, demonstração de força a ditadura, dá-se com massa na rua, em grande quantidade e consciente de sua missão. O resto é besteira! Tal como se delineava desde o começo do Congresso, dois grandes blocos e cinco chapas concorrerão à direção de nossa entidade máxima. A diretoria do DCE-USP sai sozinha, pois no congresso inteiro, ninguém queria saber deles. No plenário o grito de "pau no c... da reforma", unificava todos os outros grupos. No ra do Povo e Convenção (racha da Caminhando), os dois vencedores do congresso, e quem tinha maior nº de delegados juntos, apresentava-se como Viração. Fechando o bloco dos imobilistas e centristas

tas juntos, temos Refazendo, Caminhando e Resistência que concorrem com a chapa Voz Ativa. Por acaso, alguém já não viu ou ouviu este nome por aí? O outro bloco, o pólo combativo do congresso apresenta duas chapas: Centelha, formada por Travesseira (PE), Peleia (RS) e Centelha (MG) e Mobilização Estudantil, formada por Liberdade e Luta e Novo Rumo. Para concluir, resta lamentarmos o verdadeiro comércio que virou o 32º Congresso da UNE. Um refrigerante em lata, tava custando 35 paus. As vendas, em geral, satisfaziam todos os gostos. Não havia porque ciúmes ou brabeiras. Dos marxistas, aos cristãos, do centrista, à direita e à esquerda, dos anarquistas aos festivos, todos tiveram seu instante de glória. Como bem salientou a Isto é, o Congresso de Piracicaba foi um BA-RA-TU; uma verdadeira festa do turismo estudantil brasileiro.



pré- refrescar a

Paulo 9/11/79
universitários
instalaram-se no
prédio do Crusp

CABEÇA...

Crusp retomado
por estudantes
Folha São Paulo 9/11/79



PELO ENSINO PÚBLICO E
GRATUITO MORADIA

CRUSP: limpeza antes a invasão
ESTUDANTES

Cena antiga

Alunos invadem e ocupam
prédio da USP

SECRETARIA NACIONAL DE
CASAS DE ESTUDANTES

Crusp 20 anos a ocupação plano



Estudantes 11/9/11/79
Depois de 11 anos, o Crusp ocupado.

Reitoria não vai
punir alunos por
invasão do Crusp

8 de novembro.
Esse dia é histórico!
8 um ano de
Crusp invadido!

Senhor Roberto Luiz dos Santos, editor do Jornal do CRUSP:

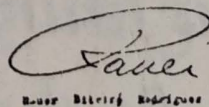
Existem pessoas que tem uma visão restrita, tacaña e imbecil do que deva ser um jornal. Para estes analfabetos um jornal deve conter apenas artigos de cunho social e político com direcionamento único e exclusivo: "abaixo a ditadura militar, pela ditadura do proletariado!" E proletariado, nestas mentes abjetas, significa "partido". Uma única questão alternativa os interessa: a propagação do homossexualismo, se efeminados (o que não significa que o ódio dessas pessoas seja menor, pelo contrário), ou a cartase edipiana, se heterossexuais. Para estas pessoas qualquer manifestação individual é um atentado subversivo ao trabalho e direcionamento coletivo, e nunca uma possibilidade de enriquecimento, salto qualitativo. Já escutei indivíduos deste naipe dizendo: "Não sei para que poesia num jornal do CRUSP. Não é revista literária". As cabeças dessas pessoas são estanques, os assuntos se dividem em gavetas, e o ser humano não é uma complexa estrutura psicológica (este também, o irremediável pecado original do marxismo), e sim o número inicial de cuja soma temos a massa de manobra e os eleitores potenciais de todos os partidos, tendências ou quaisquer outras organizações, da esquerda à direita, sob o título de Partido Nazista, PDS ou Partido dos Trabalhadores. A representação política está tão enraizada que a consideram natural, e não forma de manutenção do poder decisório nas mãos de cúpulas restritas, enclausuradas nos seus castelos. (Aliás, os medíocres se fecham em grupos, infelizes e impenetráveis, tentando aparentar força que não têm, constataando com a olímpica e augusta escolha dos grandes: a solidão criadora.)

Mas o que importa, é que estas pessoas sempre assumiram "representações" que as fizeram ocupar posições de definição de trajetórias. Assim, se determinado artigo contraria a visão do mundo destes já então "editores", ou muda-se o sentido, o teor do que está escrito, ou não se edita o artigo. A manipulação, a censura atinge limites que faria qualquer ditador, facista ou burocrata, ficar embasbacado e com ciúmes. Por outro lado, não existe nenhum critério quanto à qualidade literária do material a ser editado. Assim, um texto horrivelmente redigido, mas que transmite as convicções do to-

do-poderoso auto-outorgado editor, melhor dizendo: censor-mor, é normalmente publicado. Isto faz com que a maioria dos jornais atualmente em mãos desses universitários (pois é deles que tenho tratado nesta carta), sejam sectários, ilegíveis e abordem somente um aspecto da atual, eterna gama de preocupações do homem. O liberalismo burguês, o humanismo feudal-renascentista ou o anarquismo bárbaro dos povos considerados — erroneamente, percebe-se — primitivos, tem mais a ensinar às pessoas seriamente preocupadas com o bem-estar social e econômico, a democracia política e a liberdade existencial de cada um individualmente e de todos hoje vilipendiados pelo cotidiano de sobrevivência sub-humana.

Estas pessoas, que têm a oportunidade rara de estarem cursando uma escola superior, muitas vezes a de Comunicações e Artes, ó ironia, e serão futuros jornalistas (pretensos escritores), ou cientistas sociais, ou filósofos, engenheiros, filólogos... — a mediocridade se alastra como praga e invade todos os campos —, deveriam aprender a conviver na divergência, na dúvida, na amplitude de opções, e deixarem de lado a mesquinha do dirigismo exclusivo partidário e cultural; deveriam abandonar os cueiros do pré-concebido, das seções paralisadas, do estéril dogmatismo (no fundo permanecem os ultra-religiosos católicos romanos que negam com veemência); deveriam aprender em suas escolas que um jornal honesto, útil e crítico, que seja mais que mero passatempo, leitura de ônibus, deve ser polêmico internamente e suscitar a polêmica, deve criticar sabendo que a crítica tem que ser destrutiva para dos escombros nascer o novo forte e descompromissado com o passado de enganos — como é saudável a agressividade justa de qualquer publicação. E principalmente devem aprender que idéias, conceitos, concepções ou o que quer que seja equivocado, têm de ser sepultado com o equivalente que lhe supere em qualidade teórica, utilidade prática, e prazer estético, emoção.

Sem mais, grato.


Roberto Luiz dos Santos